



RELATÓRIO – MÓDULO I

*Crianças e Adolescentes em Situação de Rua e na Rua  
no Município de São Paulo  
Projeto Integrado - Planejamento e Ação*

METODOLOGIA PARA O PROASF - EIXO 2.1

PRINCÍPIOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

(PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA)

**PROASF** – Conselho Municipal dos Direitos  
da Criança e do Adolescente - São Paulo

São Paulo, 31 de janeiro de 1996

São Paulo, 31 de Janeiro de 1988

Conselho Municipal dos Direitos  
da Criança e do Adolescente - São Paulo

Prezados membros do Conselho Municipal  
dos Direitos da Criança e do Adolescente  
de São Paulo - Conselho Municipal dos  
Direitos da Criança e do Adolescente

Projeto Integrado - Planejamento e Ação

do Município de São Paulo

Condições e Atividades em Situação de Rua e na Rua

Projeto Integrado - Planejamento e Ação

Projeto Integrado  
do Município de São Paulo  
Condições e Atividades em Situação de Rua e na Rua

## METODOLOGIA

### CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA E NA RUA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

#### PROJETO INTEGRADO - PLANEJAMENTO E AÇÃO - PROASF

#### **Introdução**

O texto que se segue busca realizar considerações iniciais acerca da complexidade que permeia os programas sociais do setor público nos países do Terceiro Mundo, bem como levantar determinadas questões relativas às possibilidades de capacitação ou de formação continuada de profissionais da área, na tentativa de apontar alguns pressupostos que fundamentem futuras metodologias de atendimento às crianças em situação de rua e/ou na rua.

Ao analisarmos determinadas experiências desenvolvidas em alguns países<sup>1</sup> e respectivas perspectivas apontadas a partir de seus resultados, constatamos diferentes níveis de interveniência diante da dinâmica instaurada pela implementação de propostas governamentais. É sobre esses intervenientes e a complexa trama instaurada por práticas sociais, culturais e políticas no setor social que trataremos na primeira parte deste texto. A seguir, faremos considerações sobre os fundamentos da educação que poderiam nortear um atendimento à criança em situação de/na rua e pressupostos para um programa de capacitação aos profissionais da área. Por último, colocaremos alguns princípios que poderiam ser adotados para definição de uma política na área pensada como política pública municipal.

A elaboração, divulgação e implementação de propostas governamentais para o setor social nos países do Terceiro Mundo ganhou caráter intervencionista a partir da década de 70, no bojo de movimentos sociais e político-partidários que reivindicavam rompimentos no âmbito das práticas e da produção teórica desse período. Os anos 70 foram marcados pela mudança nos rumos do movimento social como um todo e pela emergência da *New Left*. No bojo de um processo de radicalização - da produção teórica à luta política com o surgimento, por exemplo, de grupos armados e governos ditatoriais, principalmente nos chamados

---

(1) Tais como as que foram levantadas por este projeto e desenvolvidas em países como México, Venezuela, Equador. Ver:

FUNABEM/UNICEF/SÃS, *É possível educar na rua?* (Projeto Alternativas de Atendimento aos meninos de rua), RJ, outubro/87.

UNICEF, *Novas Alternativas de atendimento para a criança de e na rua do México*. (Série Metodológica, 3), Programa Regional Crianças em Circunstâncias Especialmente Difíceis. Bogotá: UNICEF, 2a. ed. 1989.

Idem, *Ação Guambra: Programa não convencional de atendimento a criança da rua - Equador*. (Série Metodológica 2), Programa Regional Crianças em Circunstâncias Especialmente Difíceis. Bogotá: UNICEF/INNFA, 1987.

Espert S., Francisco, *Abertura e Humanização Institucional (Alternativas para crianças e adolescentes internos em internatos, orfanatos, reformatórios, presídios juvenis e instituições congêneres)*. Série Metodológica, Programa Regional: crianças em circunstâncias especialmente difíceis, UNICEF - Escritório Regional para a América Latina e o Caribe, 1987.

MEMORANDUM FOR THE RECORD

On 10/10/54, the following information was received from the [redacted] regarding the [redacted] of [redacted] in [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

The [redacted] was [redacted] by [redacted] and [redacted] on [redacted].

países do Terceiro Mundo - as agências educativas passaram a ser consideradas reprodutoras da ideologia dominante e, portanto, das hierarquias sociais na visão de alguns teóricos: Bourdieu, Passeron, Baudelot, Establet, Bowles, Gintis, Althusser, Poulantzas.<sup>2</sup>

A discussão gerada a partir da controversa questão dos aparelhos ideológicos do Estado e dessas agências ou equipamentos sociais com caráter assistencialista enquanto parte deles, agindo eficientemente para a reprodução da ideologia dominante através de seu poder de consenso e de utilização da violência simbólica, abriu espaço para que outras questões inerentes ao movimento da sociedade como um todo viessem à tona. Dessa forma, tanto a educação formal e regular como as chamadas formas alternativas de educação passaram a ser vistas como espaços onde as *contradições sociais ganham visibilidade*. Essas questões foram discutidas a partir de teóricos como Antonio Gramsci e Michael Apple. Segundo esses autores, a despeito de sua função socializadora e ideológica, não cabe imputar a essas formas educativas a exclusiva responsabilidade de reproduzir competentemente as relações sociais de produção e de manutenção da ordem vigente. Enquanto instituições parciais elas estão sujeitas ao movimento complexo e contraditório das relações mais gerais estabelecidas em sociedade.

No Brasil, a partir do fim do regime ditatorial muitos dos conceitos postos pela produção das ciências sociais e humanas, vieram à tona na forma de jargões que passaram a fazer parte de programas de governo. Assim, termos como *autonomia, descentralização, poder local, cotidiano, respeito à possibilidade de aprendizagem da criança*, dentre outros, ganharam o senso comum devido à divulgação de programas de governo que ousaram em propostas de intervenção à semelhança daqueles elaborados pelos órgãos de financiamento das políticas sociais. A UNESCO, UNICEF, BIRD e BID, desde fins da década de 70 procuravam apontar deficiências nas formas de atendimento de Estado, denunciando a excessiva centralização do poder e dos procedimentos e normas administrativas como uma das principais causas da ineficácia, passando a financiar projetos que revissem a manutenção da pauta social. Para tanto, incorporaram conceitos e pressupostos que dessem flexibilidade suficiente para esses projetos. De mantenedoras de uma disciplina conservadora, muitas das propostas do setor social passaram a apontar outras perspectivas retiradas da sociologia, da antropologia cultural, da sócio-linguística, da psicanálise, da etnologia, das teorias construtivistas, da filosofia da consciência, na tentativa de ultrapassar a visão fortemente positivista e assistencialista do setor. Acrescente-se que esses programas e/ou projetos não procuravam atender apenas às demandas de agências financiadoras, mas sobretudo, pretenderam se antecipar na resposta a problemas sociais e econômicos graves que marcariam sobretudo o início dos anos 80. Depois de uma certa retomada de fôlego ao longo dessa década, no entanto, a crise dos anos 90 colocou em cheque definitivamente as políticas de compensação social e econômica.

A divulgação e implementação de propostas governamentais para o atendimento de crianças - seja em nível da escolaridade formal ou das políticas de compensação da área - elaboradas no bojo das discussões ocorridas a partir de 1983, estiveram condicionadas, de um lado, ao grau de comprometimento

---

(2) A literatura sociológica, antropológica e política do período em questão discutia a educação no seu sentido mais amplo bem como nos seus aspectos formais, colocando a escola e demais equipamentos considerados educativos - creches e pré-escolas - como instituições sociais que reproduziam a ideologia dominante. Ver Bourdieu, P.

The first part of the report deals with the general situation of the country and the progress of the work during the year.

The second part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The third part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The fourth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The fifth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The sixth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The seventh part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The eighth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

The ninth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

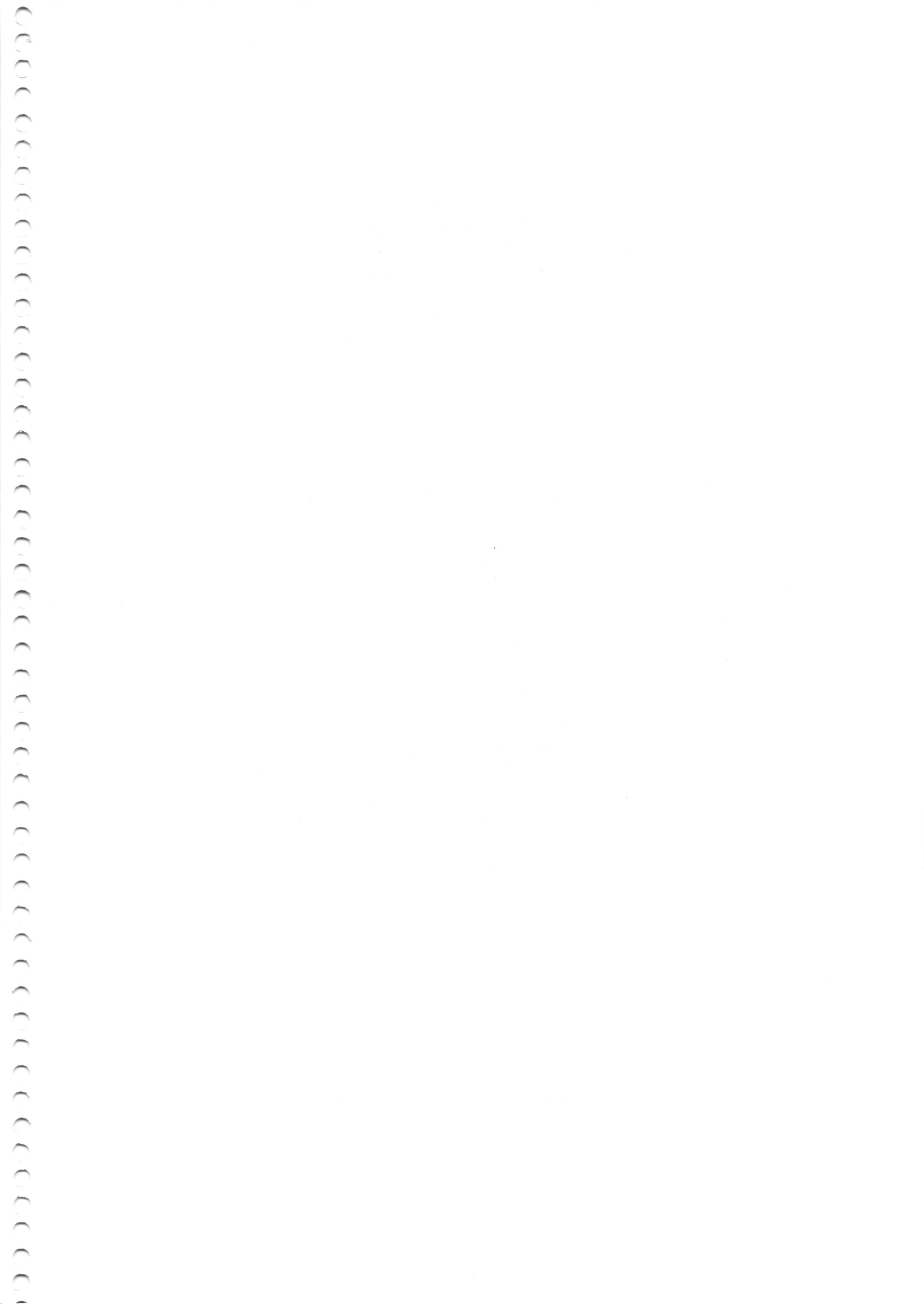
The tenth part of the report deals with the work done in the various departments during the year.

das administrações que se sucederam em relação aos investimentos, e de outro, da participação e aceitação dos profissionais do setor nas ações previstas para promovê-las. Visualiza-se de início, quando da posse do então Governador Franco Montoro, um incremento de investimentos para elaboração de diretrizes visando sobretudo descentralizar atividades e procedimentos.

No entanto, os esforços não foram contínuos e os projetos estiveram à deriva por períodos variados: início e final do Governo Quêrcia, tendo recebido algum incremento na metade de sua gestão; foram retomados no início do Governo Fleury e novamente sofreram interrupções. Isso apenas em relação a diretrizes e pressupostos filosóficos dos programas no que tange a procedimentos de atendimento do setor e treinamento de profissionais, pois os investimentos orçamentários para a Secretaria do Menor, da Educação e da Promoção Social sofreram queda generalizada a partir de 1987, mas essa discussão não cabe aqui.

Poderíamos ainda ressaltar que projetos concorrentes entre si foram implementados, muitas vezes, por uma mesma administração ao longo desse período, colaborando para dispersão de esforços no que tange às possibilidades de divulgação das propostas e aumentando as práticas de resistências dissimuladas ou não por parte dos profissionais envolvidos. Em suma, algumas questões acabaram por constituir os grandes limites para que as propostas relativas à criança afinal ganhassem o espaço público e a mente dos profissionais, quais sejam: o horizonte de uma cultura secular que enraizou posturas conservadoras nas diferentes instituições de atendimento e delineou um perfil profissional não convergente aos interesses da criança de/na rua; a dependência de condições operacionais precárias proporcionadas pela infraestrutura ausente para desenvolvimento de atividades coerentes às necessidades dessas crianças; a interrupção de projetos por parte dos administradores de plantão; a divergência teórico-metodológica de projetos gestados ao longo de uma única administração; péssimos salários e condições de trabalho dos profissionais, apenas para citar os mais recorrentes.

No entanto, alguns desses projetos ganharam visibilidade ao propor mudanças na infra-estrutura existente para dar suporte às ações de atendimento/intervenção. Foi o caso da polêmica criação da Secretaria Estadual do Menor, cuja primeira administração pautou a estruturação das diretrizes do órgão a partir de orientações teóricas oriundas de pesquisas acadêmicas na área. A despeito da incorporação de aportes teórico-metodológicos bastante coerentes, no entanto, as ações previstas para diminuir o impacto da miséria infantil nas ruas podem ser questionadas.



## I - Rumo à Construção do Perfil do Educador para Trabalhar com Criança em Situação de Rua e/ou na Rua

### 1. AS POLÍTICAS DA ÁREA: DIRETRIZES E RECURSOS HUMANOS

A elaboração de novos programas, em substituição aos formulados ao longo do último período do regime militar, ocorreu a partir de 1984 como uma das principais medidas políticas no contexto das políticas públicas da área implementadas pelos governos de oposição então eleitos.

No Estado de São Paulo, os movimentos sociais se encontravam mobilizados expressivamente, reivindicando reformas significativas nos temas relativos à educação e cultura: liberdade de expressão; fim da censura; maiores subsídios ao ensino e à pesquisa; aumentos salariais e melhoria nas condições de trabalho. Democratizar a sociedade, formar cidadãos críticos e participantes; promover ampla reforma administrativa para racionalizar recursos e diminuir o excesso de procedimentos burocráticos; melhorar a qualidade do atendimento na área social, propiciando aos profissionais melhores condições de trabalho com justa remuneração - estes eram os principais itens do programa posto em discussão pelo governo do Estado a partir de 1984. No bojo desse processo de mudanças, as propostas para atendimento à criança de/na rua foram elaboradas e divulgadas.

O tempo para implementação dessas medidas de reforma é pouco, considerando-se que culturas organizacionais constituídas e constituintes do setor público operam mudanças mais lentamente do que no setor privado. No entanto, faz-se necessário tecer algumas observações sobre possibilidades e limites de avanços, cujas fronteiras estão conformadas por entraves que já foram exaustivamente debatidos em diferentes trabalhos acadêmicos e relatórios técnicos da área.

O desempenho do setor pode ser avaliado por uma ineficácia apontada genericamente, a despeito dos esforços ocorridos em função da estruturação da Secretaria do Menor, uma das medidas mais polêmicas do período. À primeira vista pode parecer inútil todos os esforços envidados para que a reorganização pedagógica e administrativa do atendimento dessa criança se efetive, fundamentada em diretrizes cujos pressupostos, no que afeta à psicologia repousam nas teorias do conhecimento denominadas *construtivistas*. No entanto, as dificuldades que permeiam a implementação de quaisquer projetos do setor público em países de economia periférica são de tal magnitude que chegam a impedir em muitos casos, a realização dos próprios objetivos iniciais postos pela exigência premente de dar respostas políticas a problemas sociais graves, em curtíssimo prazo de tempo.

A educação - vista como intencionalidade política - se concretiza na agência educativa cuja intencionalidade pedagógica, no mais das vezes, não se apresenta convergente aos fins explicitados em inúmeros projetos. Os sujeitos da relação - educador e criança - não são abstratos, são constituídos historicamente por circunstâncias de vida pessoal e social. É para esses atores sociais que teoricamente são elaborados projetos. Assim, a intencionalidade política de qualquer ato educativo só

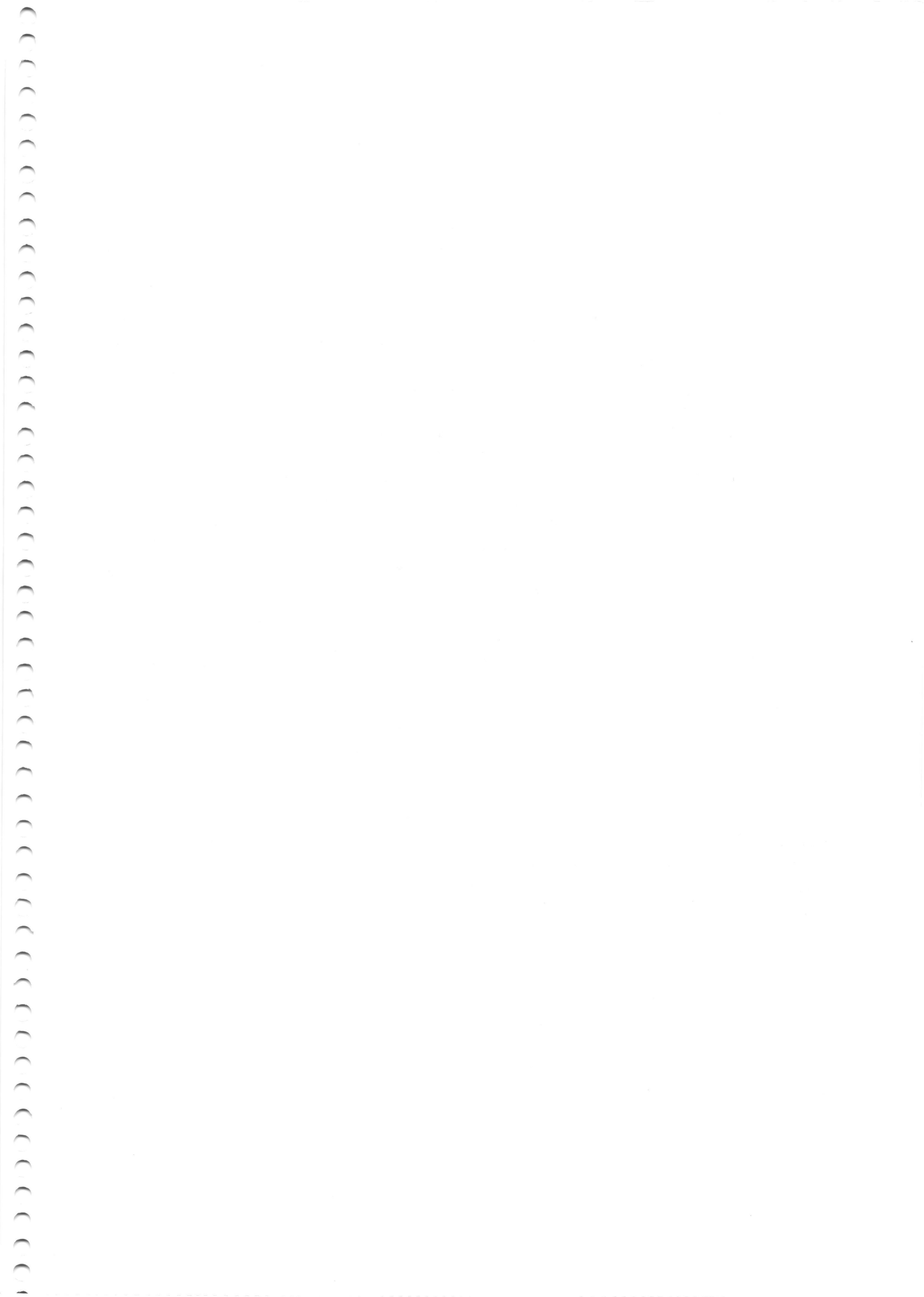


pode ser dimensionado a partir de um conjunto de características provocadas por relações intersubjetivas. As propostas e diretrizes preconizadas pelo poder público não podem ignorar as questões que permeiam a sociedade brasileira, como o conservadorismo político, a má remuneração dos profissionais, a prevalência de paternalismos de toda ordem e a ausência de prioridades do Estado nos investimentos do setor, que dificultam sobremaneira a tradução das intenções políticas em práticas efetivas de mudança.

A agência educativa poderia ser o *locus* de mediação das relações sociais de modo a construir seu próprio projeto de trabalho articulado a intenções democráticas, subtraindo as formas relacionais de poder, autoritarismo e burocracia rotinizadas através das quais a ordenação de normas sacralizadas sustenta todo tipo de preconceito. No entanto, sabemos todos que essa conquista é lenta e contraditória, na medida em que diferentes leituras de mundo continuarão compartilhando o mesmo espaço de trabalho e imprimindo marcas diferentes no tratamento dispensado às crianças.

Dessa forma, os pressupostos preconizados por programas e/ou projetos governamentais estarão à mercê do que poderíamos denominar fatores permanentes nas últimas décadas, a despeito das inúmeras propostas de mudança: a sacralização de normas burocráticas, o conservadorismo dos profissionais e ausência de investimentos na área. Os educadores, atores centrais em qualquer proposta de reforma, não se mostram receptivos a essas mudanças uma vez que estas solicitam outras igualmente urgentes. Os investimentos para a elaboração, organização e operacionalização de diretrizes das políticas da área de um modo geral são potencializados no início das trocas administrativas para declinarem logo em seguida. Nesse período ocorrem, por certo, desordens conjunturais decorrentes do elemento novo plantado como projeto numa cultura organizacional acomodada a operações próprias institucionais. A desacomodação de normas, pessoas, funções e idéias sacralizadas origina certas tensões que, sem respostas terapêuticas imediatas, provocam a prática de resistências moldadas por diversas características. Porém, a tensão emergente por força das mudanças propostas acaba por constituir elemento de fundamental importância pelo simples fato de desalojar posturas. Apenas este elemento - o novo, o diferente, o estranho - ganha dimensão ao proporcionar momentos obrigatórios de reflexão por parte dos profissionais, ainda que não garanta de imediato uma ruptura de procedimentos. A simples indicação de novas perspectivas para o trabalho do educador é capaz de provocar a inquietação necessária para que outros caminhos sejam ao menos considerados por aqueles que se mostram reticentes em relação a diretrizes consideradas oficiais. Os caminhos serão trilhados diferentemente pelos profissionais envolvidos, sem dúvida. A busca de respostas para os problemas que surgirão no percurso dependerá de uma série de circunstâncias: salários, condições de trabalho (jornada e infraestrutura), formação profissional e oferta de formação continuada, interesses subjetivos relacionados à história de vida.

É preciso ter no horizonte a multiface dessas variáveis que permeiam e estabelecem os percursos de programas governamentais, sem o quê torna-se penoso o exercício cotidiano do diálogo e da reflexão entre atores sociais constituídos historicamente.



## 2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE UMA METODOLOGIA DE ATENDIMENTO

Os parâmetros da ciência - sejam os da Antropologia, da Psicologia do Desenvolvimento ou da Sociologia - devem ser utilizados com a generosidade necessária para que as condições adversas das crianças de/na rua tenham amplitude de compreensão. Isto porque, "a criança ou adolescente à medida que se desenvolve alcança determinado conjunto de características, as quais podem ser consideradas parâmetros dentro de um grupo específico de faixa etária".<sup>3</sup>

Mas, no que se refere às crianças em situação de/na rua, estas características face à adversidade do meio, se atrofiam ou se desenvolvem prematuramente. Por exemplo, podem apresentar comportamentos agressivos quando a característica da idade correspondente seria imitar o adulto ou explorar o ambiente. No entanto, esse descompasso bio-psíquico deve ser compreendido à luz dos condicionantes sociais e econômicos que configuram as psicopatias apresentadas por essa população.

Face à complexidade do mundo contemporâneo que gradativamente vem agravando essas condições, pensar uma metodologia de trabalho para orientar as condutas dos educadores visando à ressocialização da criança, compõe um quadro de desafios frente à flexibilidade exigida por projetos dessa natureza. O educador - nesse contexto - deve ter ampla visão sobre as questões que afetam hoje, as políticas sociais da área, bem como sobre as várias abordagens assumidas por diversas instituições que tratam do problema. Segundo Costa,<sup>4</sup> tais abordagens apresentam três enfoques, quais sejam: o primeiro denominado pelo autor de *amputação*; o segundo de *reposição* e o terceiro, de *aquisição*. O primeiro mostrou-se, através das experiências realizadas capaz de formar dois tipos de pessoas: os rebeldes e os submissos. "Os rebeldes adotam um padrão de conduta violentamente reativo no seu relacionamento consigo mesmo e com os outros, o que geralmente os leva a se inviabilizarem como pessoas e como cidadãos. Já, os submissos se despersonalizam, tornam-se frágeis, vulneráveis, inseguros, afeitos a serem manipulados e totalmente incapazes de assumir o próprio destino". O segundo enfoque, o da reposição, procura ver o jovem e a criança pelo ângulo do que eles não são, do que eles não trazem, do que eles não tem e não são capazes. Procura de forma assistencialista, via programas institucionais, suprir essas carências, gerando jovens propensos a dependências de vários tipos e "recorrentes crônicos do aparato assistencial do Estado ou das ONG's". O terceiro enfoque procura vê-los a partir de suas possibilidades, na busca de criar laços estruturados a partir dos quais ele próprio possa empreender um processo de (re) construção de sua identidade social. Historicamente, a análise de experiências nessa área tem demonstrado que esta última perspectiva é que a tem apresentado melhores resultados. Portanto, a orientação básica para uma metodologia de atuação de educadores que trabalham com crianças e jovens em situação de risco, é possibilitar a reconstrução de suas personalidades, sem rotulá-los ou classificá-los em categorias baseadas apenas na concepção de comportamentos divergentes.

---

(3) Ver "Características do desenvolvimento da criança e adolescente". Documento Básico n.1, São Paulo, 1977, SPS. p. 11.

(4) Costa, Antonio Carlos Gomes da. "Por uma pedagogia da presença". Brasília, 1991.



### **3.1. Caracterização do Desenvolvimento Infanto-Juvenil**

A visão de um plano de trabalho para atendimento as crianças e aos adolescentes de rua e/ou na rua deve ter em vista além das condições especiais em que estas crianças se encontram, as fases do seu desenvolvimento bio-psíquico-social das quais se desviaram, sufocaram ou até aceleraram face as circunstâncias da rua.

É preciso em primeiro lugar, lutar contra uma visão preconceituosa de infância tão comum àqueles que muitas vezes imbuídos de “bons sentimentos” atuam junto às crianças com o espírito de piedade, falsa caridade, segregando-as, como se elas fossem biológica e psicologicamente diferentes das crianças de classe média ou alta.

Em segundo lugar é necessário ter claro o conceito de infância. “Limpar” de nossa consciência conceitos tradicionais ou pré-conceitos que a maioria das vezes orientam a ação pedagógica. A psicologia e a pedagogia modernas ajudam sobremaneira nesta compreensão, daí a necessidade de recorrer a elas, para não educar as crianças, mesmo as de rua, como se elas fossem um desvio da natureza. Neste sentido, um dos primeiros conceitos comumente atribuídos à criança é o de “idade”. “Criança, por oposição ao adulto”: oposição estabelecida pela falta de idade ou de “maturidade” e em consequência de “adequada integração social” (Kramer, 1987). O corte baseado neste critério, identifica certas regularidades de comportamento que caracterizam a criança propriamente dita.

Tal critério acarreta algumas distorções, porque o fator idade é associado a determinados papéis sociais e desempenhos específicos, os quais dependem estreitamente da classe social em que está inserida a criança: sua participação no processo produtivo, o tempo de escolarização, o processo de socialização no interior da família, as atividades cotidianas (brincadeiras e tarefas assumidas), a posição da criança e sua família na estrutura socio-econômica da sociedade. Essas características geram diferenças, que nos levam a concluir que “é impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização” (K-1987).

É fundamental, conforme recomenda Sônia Kramer que não se adote pedagogicamente uma concepção abstrata de infância, pois se corre o risco de se distanciar das condições objetivas de vida da criança, educando-a para “valores” vazios de sentido para ela, e para a sociedade. Educá-la ou “reeducá-la dentro de seu contexto social e (não conforme a “natureza infantil”, abstrata e generalizada), mas levando em conta as circunstâncias históricas que alteraram, (a partir das transformações econômicas, históricas e sociais, ocorridas na sociedade) o próprio conceito de infância.



A análise das modificações que ocorreram tanto na família como no modo desta considerar a infância, é muito importante para o educador perceber, que as atitudes em relação às crianças mudaram no decorrer dos séculos. Philippe Ariès, fez um estudo sobre estas atitudes a partir do exame de pinturas, antigos diários de famílias, testamentos, igrejas e túmulos; a partir daí, relata que os sentimentos relativos as particularidades infantis revelam que as instituições: família, escola, igreja, etc. consideram a criança como "adulto em miniatura", tanto na maneira de vestir, alimentar-se, comportar-se, etc. Na alta idade média (anterior ao séc. XVI), era muito alto o índice de mortalidade infantil, e a morte da criança era considerada "natural"; quando a criança sobrevivia, entrava diretamente no mundo dos adultos. A partir do séc. XVI, com as primeiras descobertas científicas e as primeiras técnicas de prolongamento da vida, principalmente nas classes sociais privilegiadas, o sentimento de infância começa ser percebido, embora ainda de forma contraditória: alguns consideravam (e ainda hoje, consideram) a criança como um ser ingênuo, gracioso e inocente, que deve ser "paparicado" pelos adultos; outros, consideram a criança como um ser imperfeito, incompleto, que necessita de "moralização" e da educação realizada pelos adultos (Kramer, 1987).

Este duplo sentimento, é concomitante no seio da família moderna (burguesa) e é passado pelas instituições e pelos meios de comunicação para as classes populares que assimilam-no, traduzindo-o em atitudes educativas de máximo autoritarismo ou de absoluto descaso em relação à educação das crianças.

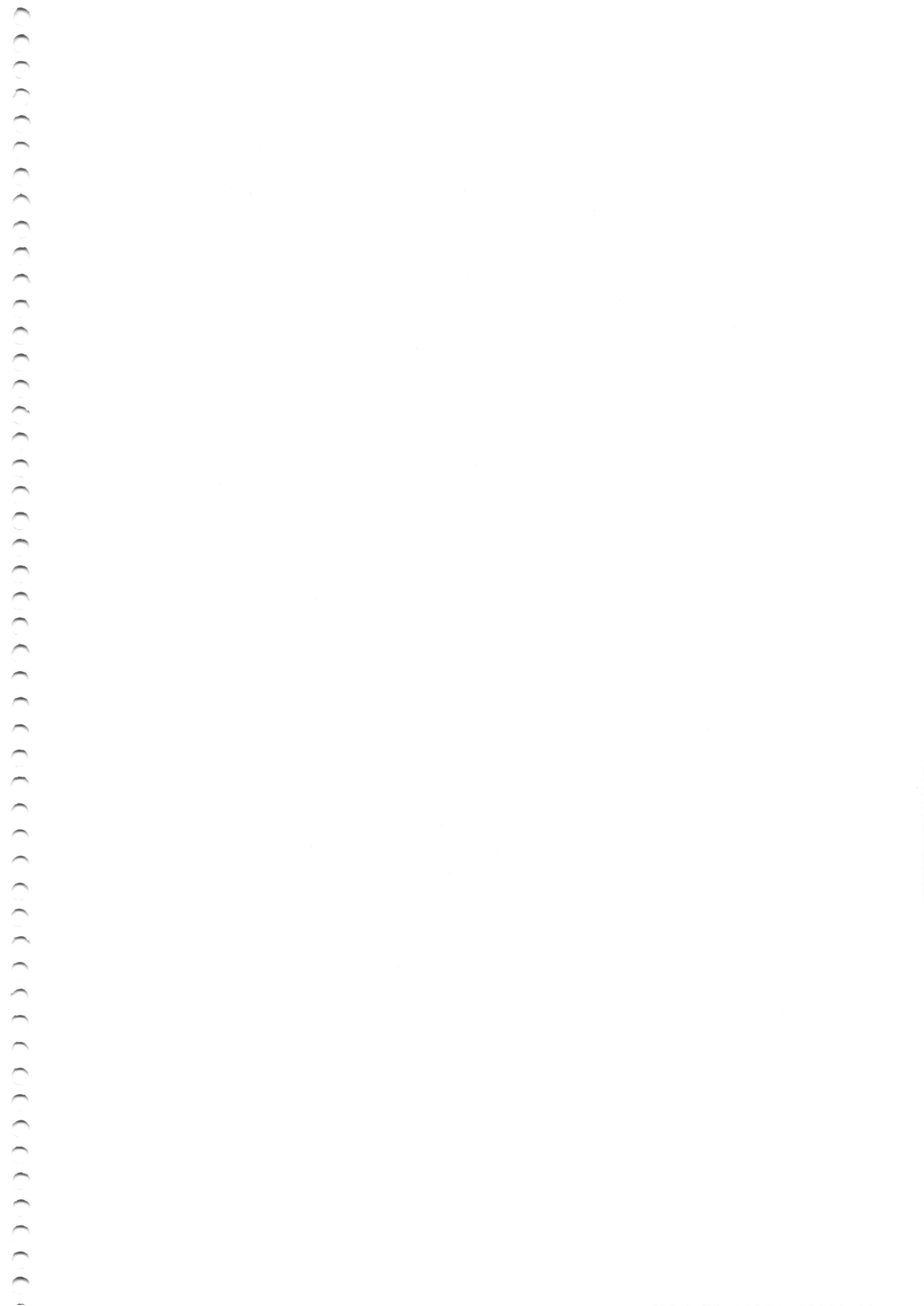
Preservar a criança da "corrupção do meio", ou "fortalecer seu caráter" com uma educação rígida, são noções que persistem até hoje; tanto um modo, como outro, são formas de ver a criança a partir de uma visão abstrata que considera todas as crianças iguais, identificando-se com o sentimento da família burguesa no modo de ver a criança.

A idéia de infância, como se conclui, não existiu sempre da mesma maneira; "ela aparece com a sociedade capitalista, urbano industrial, na medida em que muda a inserção e o papel desempenhado pela criança (família) na sociedade" (Kramer, 1987).

A classe dominante nas sociedades capitalistas tornou hegemônica uma forma de ver a criança, e a vê, como alguém que precisa de ser cuidada, escolarizada e preparada para o futuro. Esta forma de ver a criança não é errada, o que se quer ressaltar é que ela é histórica, isto é, "determinada historicamente pelas modificações das formas de organização da sociedade".

Na sociedade brasileira, como as demais sociedades latino-americanas, com a visão de mundo ocidental (devido o processo de colonização) e devido fatores sociais, culturais e políticos, além da existência da população indígena, grande mobilidade social, fortes correntes migratórias, longo período de escravidão e de colonização, etc, o modo de ver a criança, não difere em grande escala, do modo como ela é vista em outros países europeus e nos Estados unidos, principalmente.

Levando em conta essas concepções tanto a Pedagogia tradicional, quanto a "nova", também fazem representações que não consideram a significação social na infância e camuflam ideologicamente procedimentos pedagógicos que revelam ignorância do desenvolvimento bio-psico e social da criança e se assentam em visões ultrapassadas sobre a infância.



Por isso que qualquer trabalho consciente desenvolvido com crianças, seja na família, na escola, nas instituições na rua etc, não pode prescindir de uma visão da infância no interior da classe social a que a criança pertença. É preciso que se parta do princípio de que as crianças, sejam elas nativas ou imigradas, ricas ou pobres, abrigadas ou desabrigadas, nas ruas ou instituições, têm modos de vida e inserção social completamente diferentes uma das outras, o que corresponde à diferentes graus de valorização da infância pelo adulto.

Face tais considerações, a primeira tarefa do educador é conhecer a criança, suas características bio-psico e sociais e a orientação psicopedagógica em relação a idade que essas características se apresentam.

Assim, os quadros que seguem foram elaborados por um grupo de psicólogos e pedagogos para facilitar o trabalho pedagógico com as crianças:

---

\* Camillo, Yvanira Simões et alii. "Características do desenvolvimento da criança e do adolescente", SEPS-SP, 1977.



Características do Desenvolvimento da Criança ( 6 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perde os dentes de leite e surgem os primeiros molares permanentes.</li> <li>- Torna-se menos resistente às enfermidades infecciosas.</li> <li>- Demonstra maior desenvolvimento motor, melhor coordenação motora global e melhor acuidade auditiva e visual.</li> <li>- Calça-se abotoando ou atando os cordões dos sapatos.</li> <li>- É muito ativa; remexe-se muito na cadeira, especialmente quando sentada à mesa. Nas brincadeiras ao ar livre está sempre ocupada, cavando, trepando, lutando, construindo. Há grande dispêndio de energia.</li> <li>- Realiza trabalhos de desenho, pintura, colagem, recorte, com maior observação e cuidado.</li> <li>- Gosta de brinquedos mecânicos e de armar.</li> <li>- Acompanha diferentes ritmos.</li> <li>- Apresenta bom nível de compreensão e utilização da linguagem. Gosta de empregar palavras novas.</li> <li>- É capaz de concentrar-se por um tempo mais longo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuir para preservação da saúde, estimulando hábitos de higiene pessoal e ambiental já adquiridos. Levar a criança a: <ul style="list-style-type: none"> <li>- lavar as mãos antes das refeições;</li> <li>- conhecer os alimentos e como protegê-los;</li> <li>- servir-se corretamente à mesa;</li> <li>- conhecer o lugar da água potável.</li> </ul> </li> <li>- Estimular a criança e a família quanto à adoção de medidas preventivas (doenças e acidentes) orientando quanto a: <ul style="list-style-type: none"> <li>- cuidar contra ferimentos leves;</li> <li>- vacinas contra doenças infecto-contagiosas; <ul style="list-style-type: none"> <li>- tomar remédio quando necessário, por prescrição médica;</li> </ul> </li> <li>- objetos e brinquedos perigosos.</li> </ul> </li> <li>- Sugerir o repouso da criança sempre que oportuno.</li> <li>- Dar exemplo de ordem em casa é importante para reforçar os hábitos adquiridos na escola.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 6 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Relata bem experiências e reproduz estórias ouvidas.</li><li>- Aprende com facilidade quadrinhas, pequenas poesias, canções e canta com entusiasmo.</li><li>- Dramatiza espontaneamente.</li><li>- Critica seus próprios trabalhos, inutilizando-os, às vezes.</li><li>- Imaginação muito viva, sabe diferenciar entre o real e a fantasia.</li><li>- Prefere contos de fadas, piratas, animais, narrativas bíblicas, poesias, histórias de povos diferentes.</li><li>- Quer saber como são feitas ou fabricadas todas as coisas.</li><li>- Conhece números.</li><li>- Começa a compreender o valor do dinheiro.</li><li>- Sabe o nome dos pais e dos outros membros da família, bem como o número de sua casa.</li><li>- Tem noção de "ontem", "hoje", "amanhã", "anteontem", "manhã", "tarde", etc.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Avisar a criança com antecedência sobre mudanças de horários e rotinas por ela já vivenciados, para que não se ressinta em face de novas ordens.</li><li>- Dar atividades que envolvam os membros superiores e inferiores em movimentos simultâneos ou alternados, acompanhados de ritmos diferentes. para melhor coordenação motora global.</li><li>- Ensinar a criança a lidar com instrumentos de percussão visando ao treino de coordenação viso-motora e auditivo-motora.</li><li>- Propor jogos que participem meninos e meninas, observando, porém, as diferenças de interesses nas brincadeiras. Assim, os meninos gostam:<ul style="list-style-type: none"><li>- arrastar coisas em carros, misturar terra com água, jogar futebol, lutar com colegas, especialmente de mais idade.</li></ul>As meninas gostam de:<ul style="list-style-type: none"><li>- vestir e despir bonecas, jogos de amarelinha, brincadeiras de ro-da e, às vezes, brincadeiras um tanto rudes.</li></ul></li></ul>



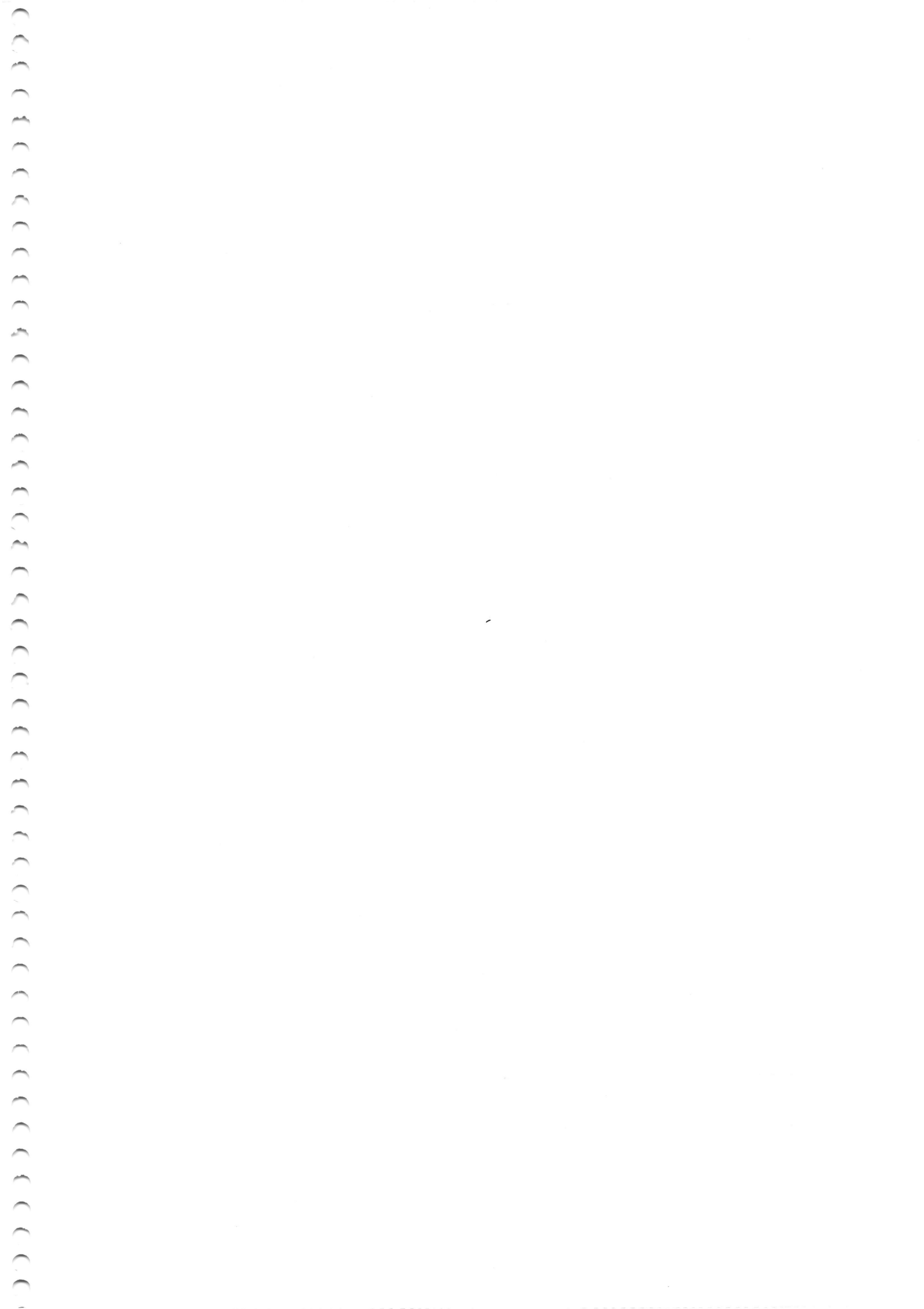
(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 6 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Interessava-se em saber os dias da semana e os meses do ano.</li><li>- É capaz de transmitir recados.</li><li>- Apresenta certo grau de sentido de responsabilidade.</li><li>- Organiza-se em grupos cada vez maiores.</li><li>- É sociável.</li><li>- Meninos e meninas brincam juntos, mas já começa as diferenças de interesse.</li><li>- Necessita de aceitação e aprovação do grupo.</li><li>- Aprende que há horas apropriadas para cada coisa.</li><li>- Gosta de coleções e de criar animais.</li><li>- Gosta de ouvir relatos de tempo em que era menor.</li><li>- Interessava-se por feriados significativos e festas familiares.</li><li>- Gosta de almoçar com amigos, fazer visitas, passeios e excursões.</li><li>- Fica triste quando o adulto a reprova.</li><li>- Reconhece uma injustiça e magoa-se</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Dar exercícios com gravuras e desenhos, com temas referentes à localização no tempo: "antes", "agora", "depois", "manhã", "tarde", "noite", "dias da semana", "meses no ano", para treinar a organização e localização temporal.</li><li>- Dar jogos com ordem para assumir diferentes posições ou direções: "frente", "atrás", "lado", "baixo", "alto", "em cima", "embaixo", "dentro", "fora", "perto", "longe", para treino da organização espacial.</li><li>- Levar a criança a nomear, descrever, dialogar sobre pessoas e objetos, relatar histórias ouvidas, para enriquecer seu vocabulário. A criança não deve ser corrigida a todo momento, o que lhe traz inibição. O adulto deve falar clara e corretamente para servir de modelo.</li><li>- Estimular a criança a usar expressões de boas maneiras: "descul-pe", "com licença", "obrigado", etc.</li><li>- Dar atividades como teatro de sombra, fantoches, máscaras, para desenvolver a capacidade de expressão e comunicação.</li></ul>

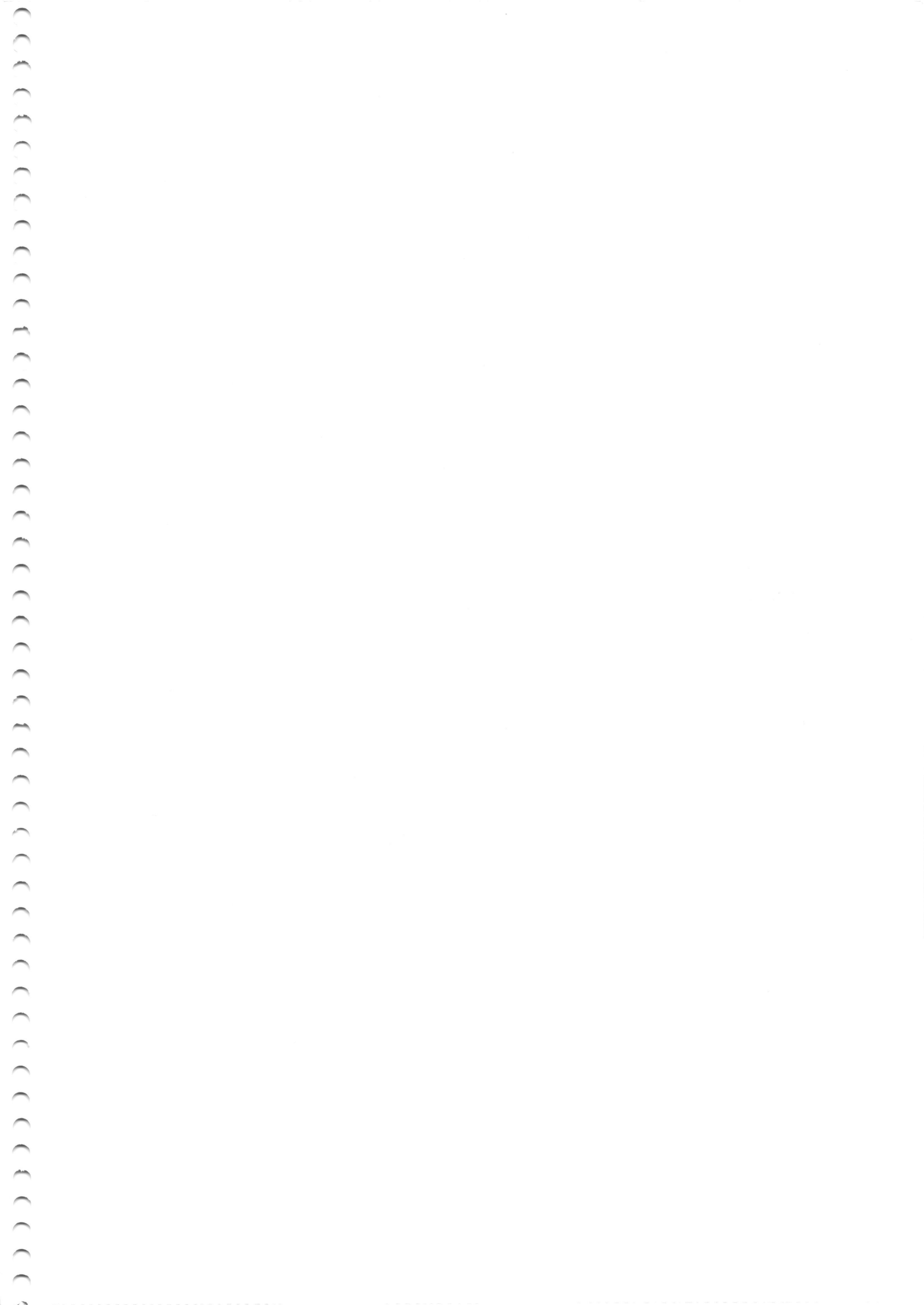


(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 6 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- É sensível ao estado emocional do adulto. Compreende muito bem seu desapontamento, até mesmo pelo olhar, quando não procede da forma esperada.</li><li>- Mostra-se ressentida, quando repreendida na presença do grupo.</li><li>- Quando contrariada pelo adulto, reage com linguagem agressiva.</li><li>- Aprecia muito os elogios ao seu esforço.</li><li>- Conhece seus direitos. Reconhece os direitos de propriedade.</li><li>- Necessita de muito carinho e amor em suas relações em casa e na escola.</li><li>- Sente confiança em si e nos demais.</li><li>- Assume constantemente ares de "sabe tudo".</li><li>- As reações mais comuns a problemas emocionais são: chupar o dedo, roer unhas, coçar-se, piscar com excessiva freqüência, etc.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Ensinar a criança a ouvir na hora certa (esperar a vez).</li><li>- Realizar festinhas improvisadas durante as brincadeiras, com convites, bolos e doces de areia, folhas etc, para desenvolver a iniciativa, independência e fortalecer o senso de colaboração e participação.</li><li>- Planejar festinhas significativas e festas familiares para desenvolver habilidades, experiências e a socialização.</li><li>- Conversar com a criança individualmente sobre seus comportamentos inadequados; não repreendê-la diante do grupo.</li><li>- Estimular o conhecimento do acervo cultural de seu meio, levando a criança a visitar os pontos históricos e pitorescos de seu bairro e sua cidade.</li></ul>

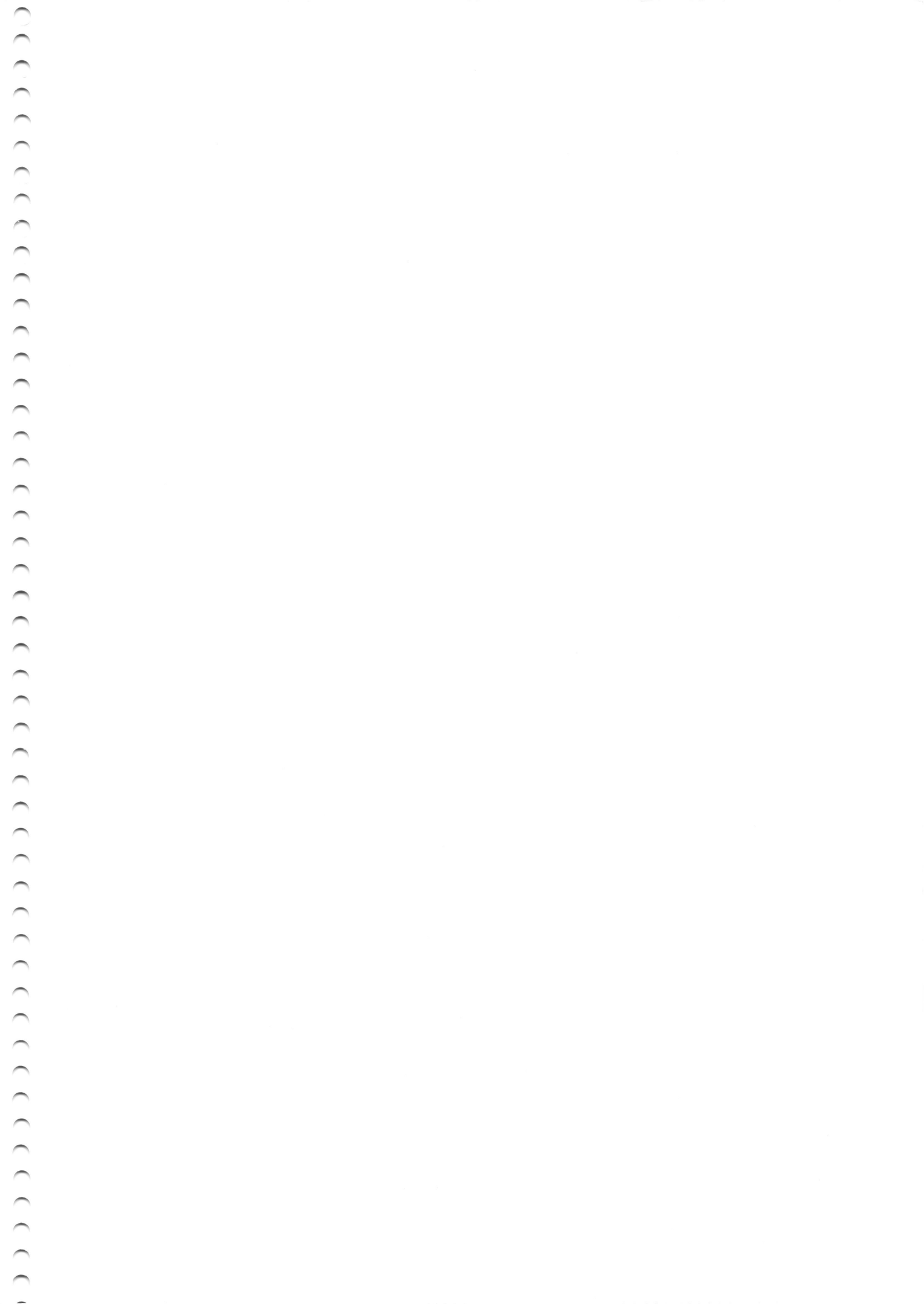


Características do Desenvolvimento da Criança ( 7 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Passagem do pensamento intuitivo para o pensamento operatório, isto é, estrutura a realidade pela própria razão.</li> <li>- O egocentrismo é menos acentuado. Faz distinção entre o "seu" e o do "outro".</li> <li>- Interesse por atividades físicas. Exigências motrizes e de atividades que requerem uma nova orientação em face da lateralidade (direita e esquerda).</li> <li>- Interesse por atividades que envolvem habilidades manuais.</li> <li>- Começa a adquirir a capacidade de incorporar a si mesma a experiência de outra pessoa.</li> <li>- Tendência inicial a retrair-se ante situações novas e desconhecidas.</li> <li>- Atitudes de rebeldia em face de ordens recebidas.</li> <li>- Desperta para reflexão. Sente necessidade de alguém com quem falar. Faz inúmeras perguntas para alimentar seu pensamento.</li> <li>- Seus temores e preocupações se referem à autoproteção relacionada com sua integridade física.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar atividades que explorem a região física onde a criança vive. Conhecer os recursos naturais da região.</li> <li>- Intensificar atividades que envolvam o conhecimento do outro. Jogos que exijam conhecimento do nome, idade, local de residência, nome dos pais, do companheiro.</li> <li>- Executar jogos que desenvolvam a agilidade dos membros superiores e inferiores e o sentido de direita e esquerda.</li> <li>- Proporcionar atividades como: desenho, pintura, modelagem e re-corte, para treino dos movimentos finos.</li> <li>- Realizar reuniões após cada atividade onde a criança relata experiências na vivência da mesma. Se gostou ou não, onde teve dificuldades, como se sentiu enquanto executava, etc.</li> <li>- Assumir atitudes empáticas (de aceitação) e compreensivas em face às crianças, reforçando comportamentos adequados.</li> <li>- Promover conversas orientadas, com as crianças. Permitir que a criança desenvolva seu pensamento. Propor soluções de problemas, a fim de que a criança ative sua reflexão.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 7 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Estabelece ideais demasiadamente altos.</li><li>- Adquire maior consciência de si mesma, está formando seu auto-conceito.</li><li>- Preocupa-se com seus atos e é muito susceptível à opinião dos outros a seu respeito. É muito prudente nas atitudes.</li><li>- Quer criar seu lugar próprio na família e na comunidade. Progressos na socialização, torna-se capaz de cooperar.</li><li>- Revela certa curiosidade quanto ao porquê das diferenças sexuais</li><li>- Não gosta de ser interrompida em suas atividades.</li><li>- Interessa-se em ter seu próprio grupo.</li><li>- Os jogos coletivos não são bem organizados. Asseguram-se com uma lei única.</li><li>- Tem interesse em conhecer pessoas estranhas. Agrada-lhe escutar as conversas de um grupo de adultos. Gosta de fazer visitas.</li><li>- Tem sentido de tempo. Está interessada em programar seu dia. Tem consciência da passagem do tempo, em relação ao mês.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Propiciar atividades física de acordo com suas possibilidades, para que a criança se sinta segura.</li><li>- Evitar repreensões severas, principalmente perante o grupo e não poupar elogios quando merecidos. A criança está formando seu autoconceito e as opiniões a seu respeito são importantes.</li><li>- Proporcionar tarefas práticas, tais como: pequenas compras, cuidar dos irmãos, para que a criança se sinta útil e integrada na sua família e no seu grupo.</li><li>- Realizar festas de datas comemorativas em que a criança participe na sua preparação e execução, desenvolvendo, assim, a cooperação e socialização.</li><li>- Dar resposta adequada à curiosidade da criança em matéria sexual.</li><li>- Propiciar a realização de jogos coletivos, simples de poucas regras</li><li>- Promover passeios, de preferência a locais que possuam muitas pessoas, não as do seu grupo. Ex.: indústrias, fábricas, etc.</li></ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 7 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Seu interesse por certos aspectos da vida comunitária se acha em franco processo de expansão.</li><li>- Roer as unhas, coçar-se e puxar as orelhas são comuns nessa idade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Realizar com a criança o planejamento das suas atividades e afazeres diários, e num plano mais geral, as mensais.</li><li>- Propiciar atividades que objetivem o conhecimento dos estabelecimentos que compõem a comunidade, bem como os seus responsáveis.</li></ul>

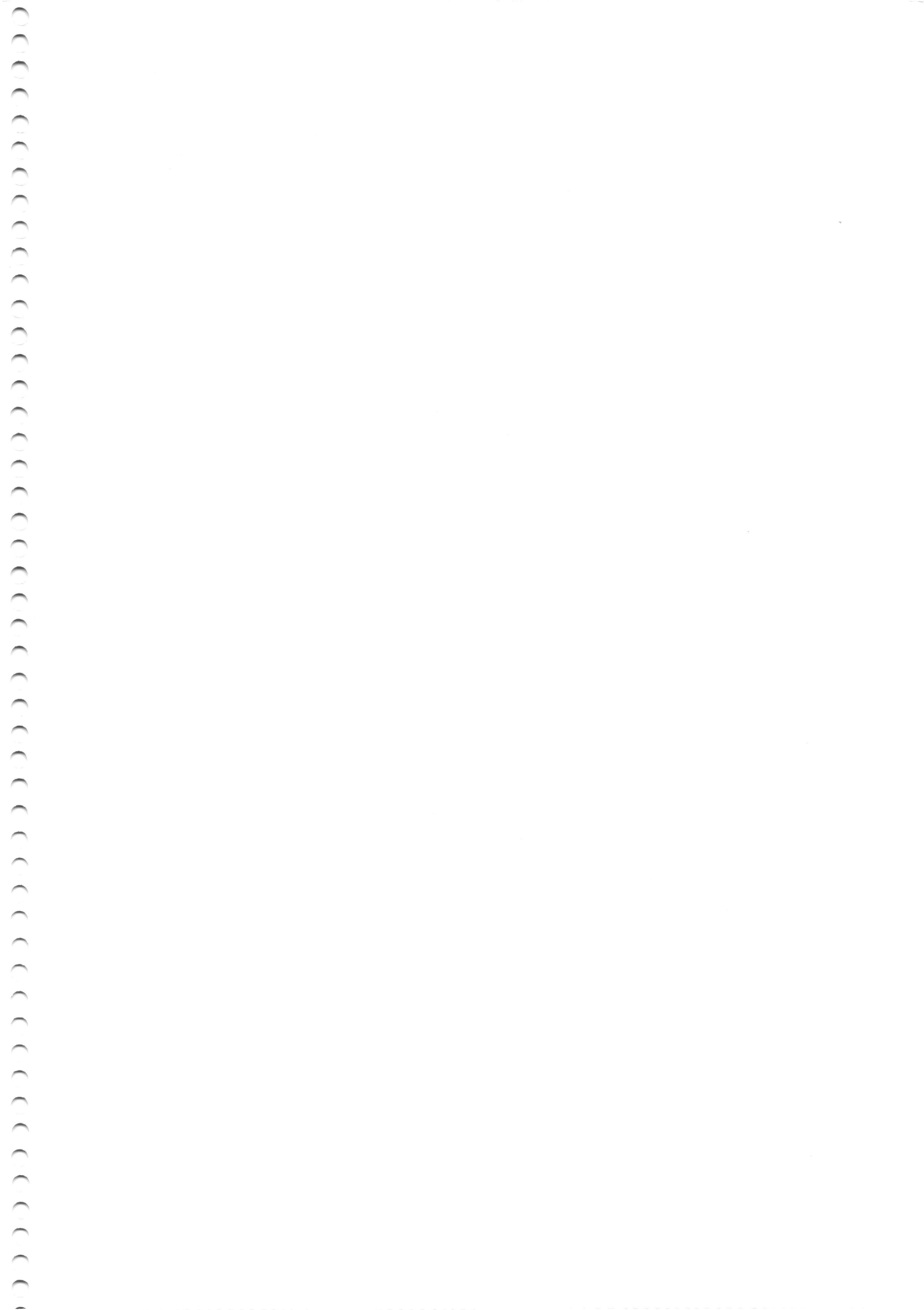


Características do Desenvolvimento da Criança ( 8 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Está em constante atividade; executa movimentos corporais com fluidez e equilíbrio.</li> <li>- Seu interesse está mais no exterior; é menos sensível, menos concentrada em si mesmo, menos propensa a retrair-se nas situações.</li> <li>- Reconhece o valor de suas realizações.</li> <li>- Seus interesses são de breve duração, passando rapidamente de uma atividade a outra.</li> <li>- Necessita constantemente de atenção e ajuda para realizar melhor uma tarefa.</li> <li>- Dramatiza suas histórias às vezes fantasiosas.</li> <li>- Atitudes de rebeldia em relação à mãe. Oposição a suas ordens.</li> <li>- Percebe bem os erros dos demais; é autocrítica e capaz de decidir.</li> <li>- Tem consciência de que os outros podem enganá-la assumindo atitude de prevenção.</li> <li>- Seus temores são em relação ao fracasso e o de não ser aceito.</li> <li>- Adquire "modos sociais". Comporta-se melhor fora de casa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar jogos que envolvam movimentos, tais como: pular, saltar, correr.</li> <li>- Propiciar atividades e jogos que exijam o máximo de observação por parte da criança.</li> <li>- Pedir sempre uma auto-avaliação sobre seu desempenho nas atividades executadas, quer em grupo ou isoladamente.</li> <li>- Oferecer atividades que não exijam um tempo prolongada de concentração por parte da criança.</li> <li>- Desenvolver atividades mediante uma orientação direta à criança.</li> <li>- Estimular a criança a contar histórias dirigidas ou não, a fim de desenvolver seu pensamento, linguagem e reflexão.</li> <li>- Estimular a criança a desenvolver o senso crítico, tanto em relação a si própria, como em relação aos demais, fazendo constantes avaliações.</li> <li>- Evitar críticas destrutivas em relação à criança. O fracasso já lhe é um temor.</li> <li>- Desenvolver atitudes de solidariedade e cortesia.</li> </ul>

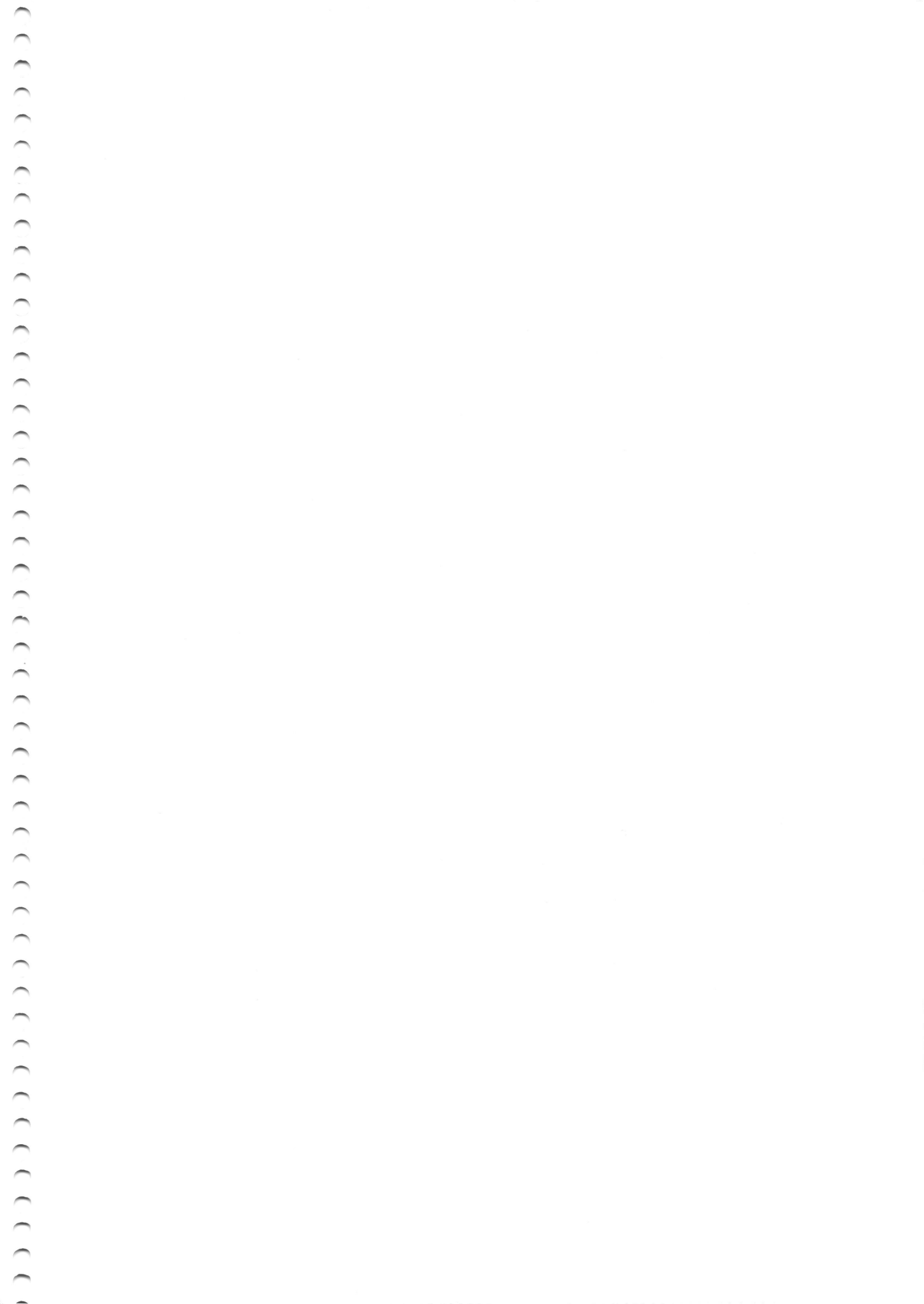


(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 8 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Tem maior consciência de si mesma, convertendo-se num "indiví-duo", membro do seu meio social.</li><li>- Identifica-se com seus heróis de quadrinhos ou filmes.</li><li>- É competitiva. Empenha-se bastante nos jogos, chegando fre-quentemente a discussões.</li><li>- Os meninos separam-se das meninas nos jogos.</li><li>- Interessa-se pela religião. Preocupa-se com o que irá acontecer após a morte.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver atividades nas quais a criança assuma o seu papel na comunidade.</li><li>- Orientar a criança quanto à escolha de amigos, já que estes lhe serão um ponto de identificação.</li><li>- Propiciar jogos competitivos e cooperativos.</li><li>- Forçar, dentro do possível, nos jogos, a participação conjunta do menino e da menina.</li><li>- Discutir problemas religiosos com crianças, com vistas à formação de um conceito filosófico da vida.</li></ul>



Características do Desenvolvimento da Criança ( 9 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hábil em seu comportamento motor. Seu interesse é por jogos.</li> <li>- Maior habilidade com as mãos, executando movimentos motores finos.</li> <li>- Maior concentração em atividades isoladas.</li> <li>- Acata melhor as ordens.</li> <li>- Planifica suas atividades e é perseverante em completar seus trabalhos.</li> <li>- Preocupa-se com seus próprios atos, mostrando-se embaraçada ante as críticas recebidas.</li> <li>- Elege um amigo íntimo, do seu próprio sexo, a quem é muito devota e fiel.</li> <li>- Julga seus familiares segundo critérios.</li> <li>- Predomina um intenso tónus afetivo. É empática.</li> <li>- Preocupa-se com a possibilidade de fracassar nos estudos, bem como cometer erros em situação social.</li> <li>- É competitiva, ao mesmo tempo que solidária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivar a criança na prática de esportes, tais como: futebol, basquetebol e vôlei.</li> <li>- Propiciar atividades artísticas tais como: pintura, artesanato e desenho.</li> <li>- Possibilitar à criança tarefas que envolvam concentração, tais como: leitura, jogos de dama e xadrez.</li> <li>- Incentivar o planejamento das atividades e a própria atividade.</li> <li>- Poupar a criança de críticas severas. Podem ser negativas ao seu autoconceito.</li> <li>- Orientar a criança na escolha de seus amigos.</li> <li>- Discutir com a criança seus critérios de julgamento, possibilitando assim, reformulações dos mesmos.</li> <li>- Corresponder as manifestações de afetividade da criança.</li> <li>- Depositar confiança e fazer elogios a suas atividades, para que se sinta segura de si mesma.</li> <li>- Desenvolver a competição sadia; esta leva a criança a aprimorar-se.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 9 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- É atarefada com atividades e seus amigos; dá menos atenção a seus pais.</li><li>- Gosta da companhia do sexo oposto, mas não aprecia compar-tilhar o jogo em conjunto.</li><li>- Gosta de jogos coletivos, organizados com regras.</li><li>- Sente atração por conversas com crianças de sua idade.</li><li>- É mais realista. Demonstra falta de interesse pela religião.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Propiciar atividades que congreguem os dois sexos (desde que não se trate de jogos de natureza competitiva).</li><li>- Propiciar jogos, respeitando a separação dos sexos.</li><li>- Estimular a discussão em grupo, sobre temas anteriormente determinados.</li></ul>

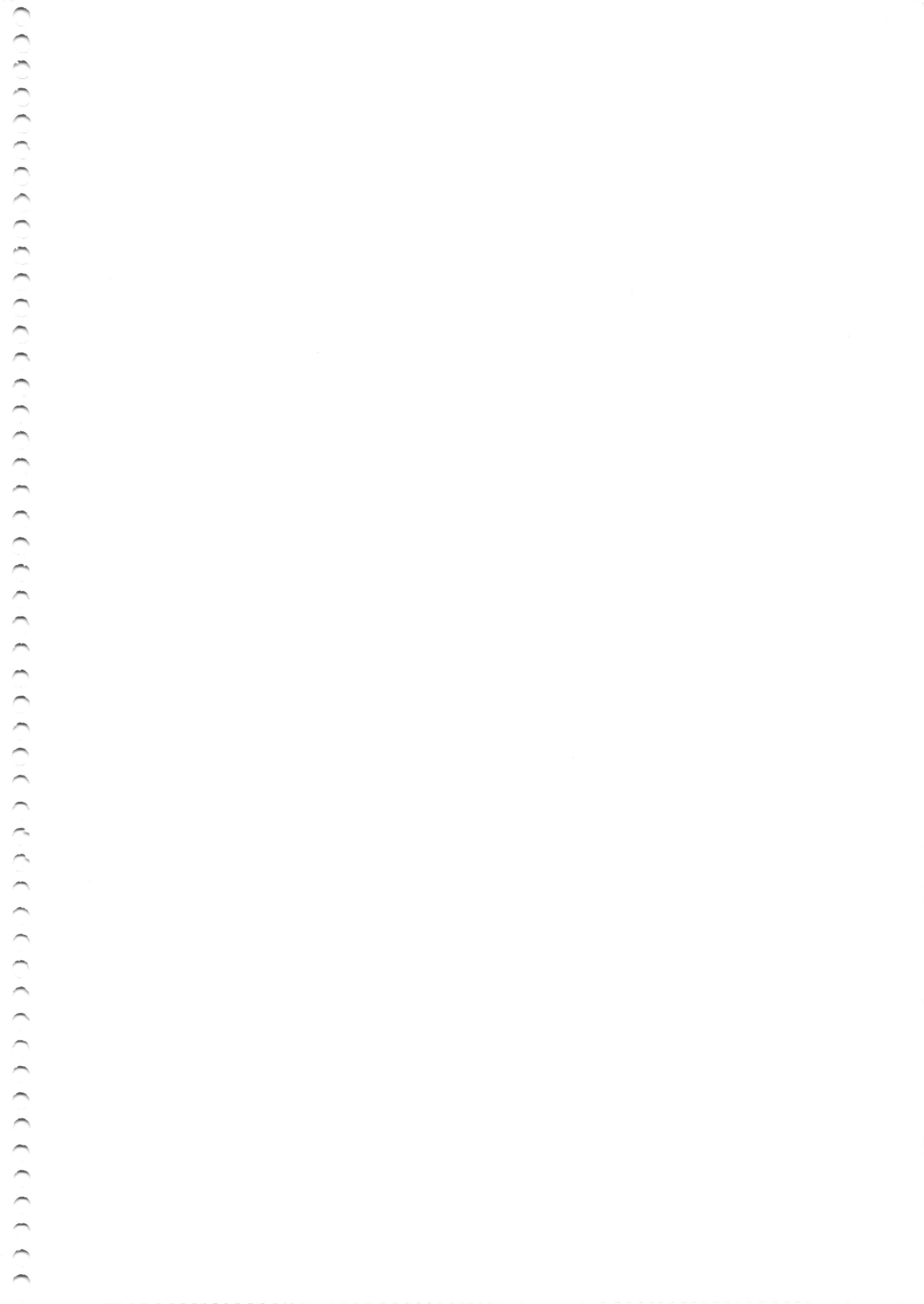


Características do Desenvolvimento da Criança ( 10 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Enfrenta situações com sinceridade e sem embaraço.</li> <li>- Gosta de jogos que exigem grande atividade muscular.</li> <li>- Na menina, surgem os primeiros caracteres secundários da sexualidade (seios, quadris alongados), o organismo sofre modificações.</li> <li>- No menino, não há traços visíveis de maturação sexual.</li> <li>- Toma consciência da sua sexualidade.</li> <li>- É sensível no seu relacionamento com o mundo.</li> <li>- Experimenta muitos momentos de felicidade.</li> <li>- Nesta idade, os temores perdem intensidade.</li> <li>- Suas preocupações giram em torno de questões específicas e individuais.</li> <li>- Pode ter uma grande esfera de interesses e, ao mesmo tempo, concentrar-se em cada uma particularmente.</li> <li>- É segura de si mesma. Tem autoconceito positivo.</li> <li>- Anseia por experiências mais variadas, quer provar tudo.</li> <li>- Preocupa-se quanto a sua futura profissão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar jogos que exijam intensa movimentação.</li> <li>- Explicar de forma sincera, as modificações sexuais que ocorrem tanto no menino como na menina.</li> <li>- Desenvolver a sensibilidade da criança, no que diz respeito ao seu relacionamento com o mundo. Enfatizar o equilíbrio que é o Universo.</li> <li>- Propiciar formas de desenvolver o raciocínio dedutivo (a partir das partes, compor o todo). Seu interesse é por questões específicas.</li> <li>- Elogiar a criança em suas atividades a fim de reforçar seu auto-conceito.</li> <li>- Propiciar o máximo de experiências à criança.</li> <li>- Orientar a criança quanto às profissões existentes, a fim de desenvolver seus interesses.</li> <li>- Dar à criança a verdadeira noção da importância da família, como uma micro-sociedade, e fonte de segurança.</li> <li>- Promover atividades que envolvam jogos.</li> </ul>

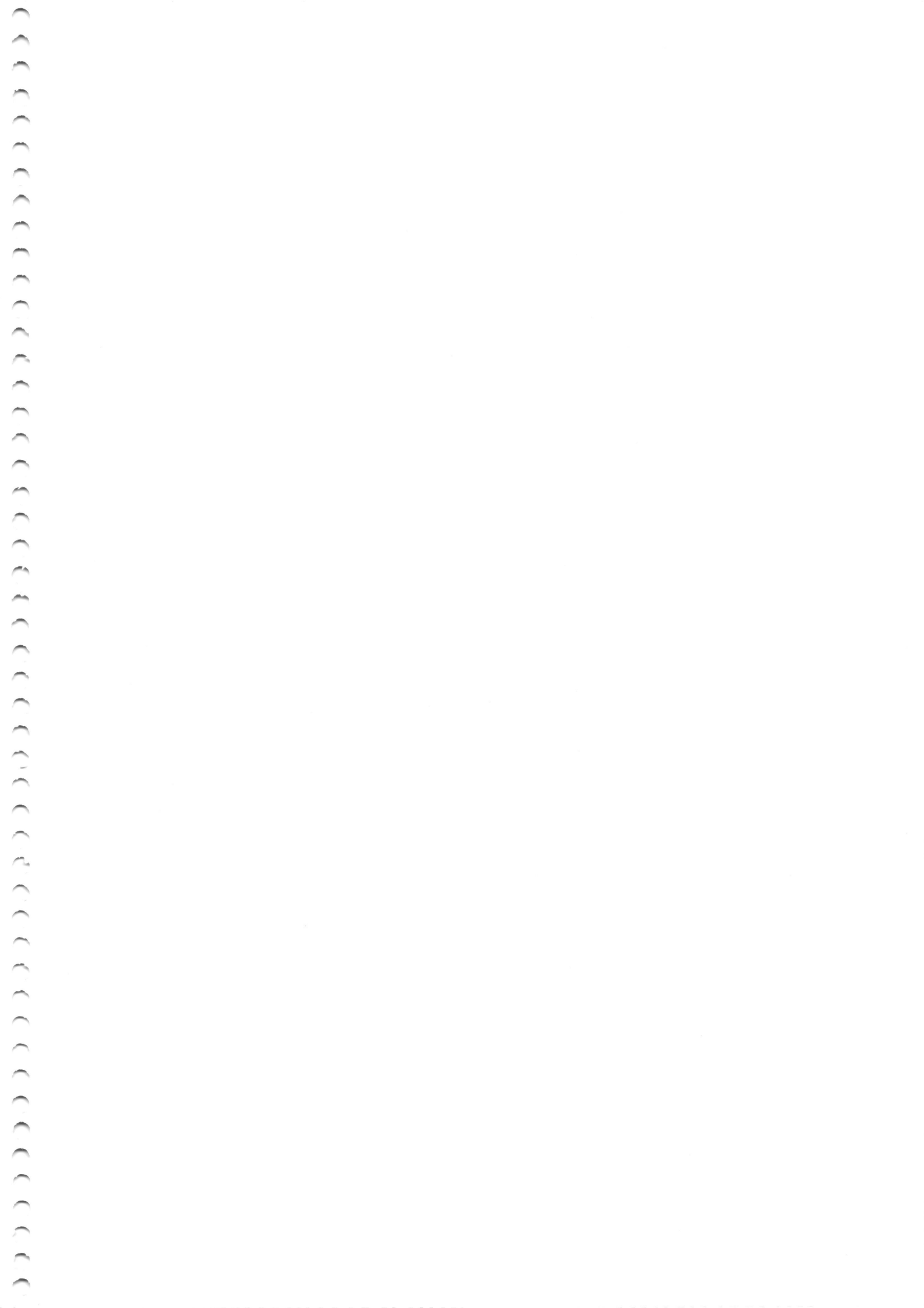


(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 10 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- A mãe volta a ser o centro do universo. Tem necessidade de sentir em sua mãe, uma amiga de confiança.</li><li>- A família adquire seu verdadeira significado.</li><li>- Necessita de amigos com os quais possa partilhar suas atividades e anseios.</li><li>- O jogo é uma das suas atividades favoritas.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver o sentido da amizade sincera, entre as crianças. O que é ser amigo?</li></ul>

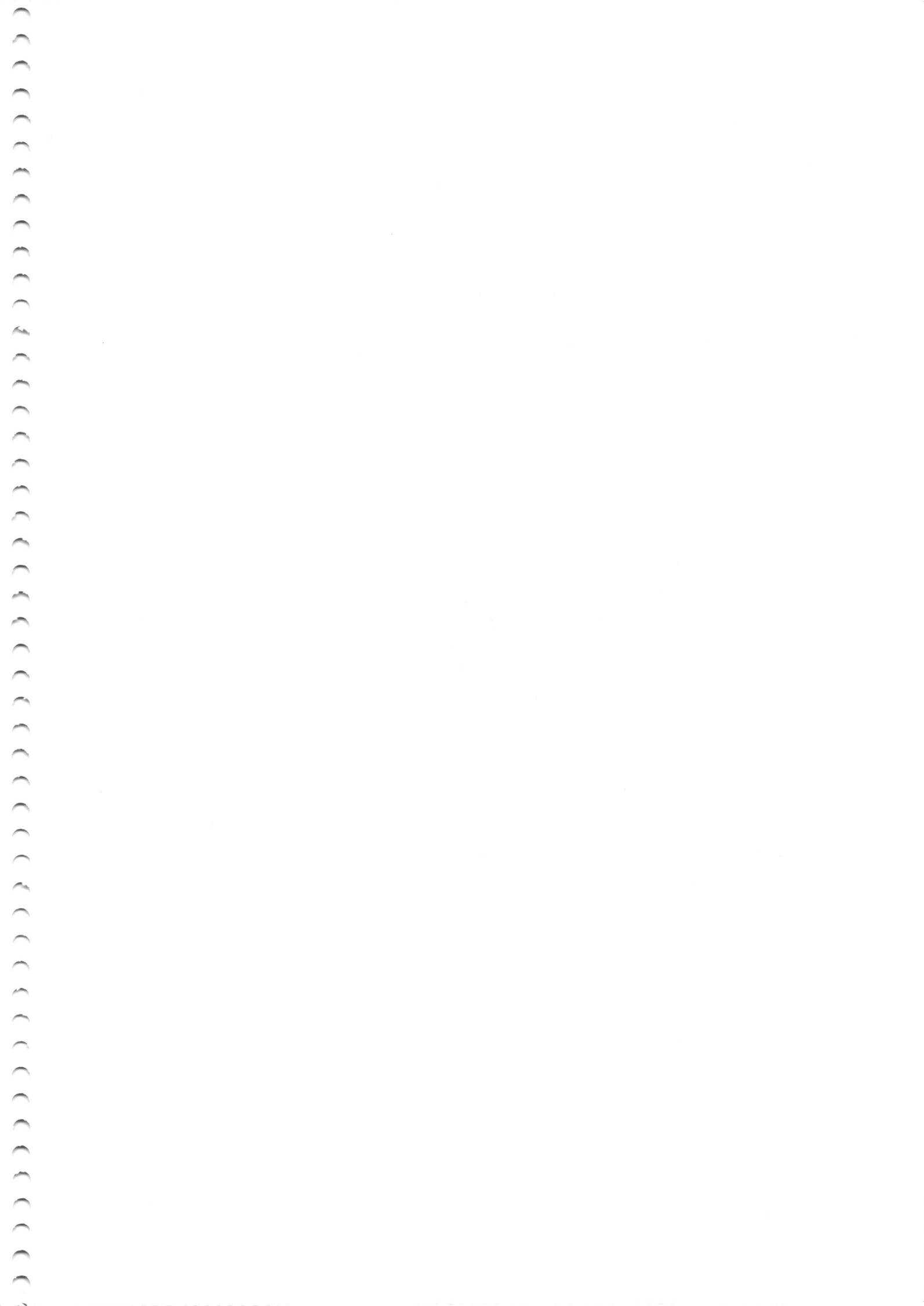


Características do Desenvolvimento da Criança ( 11 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Está despertando do mundo infantil, a caminho do mundo adulto.</li> <li>- A atividade corporal é incessante, em decorrência de um aceso-rado processo de transformações internas.</li> <li>- Gosta de atividades motrizes grossas, exercícios e jogos que exijam um elevado grau de coordenação e organização.</li> <li>- Gosto de jogos de palavras.</li> <li>- É competitiva, tanto na escola como nos jogos de que participa.</li> <li>- É mais consciente dos seus defeitos e virtudes, bem como de seus estados de ânimo.</li> <li>- Tem curiosidade quanto ao conhecimento de seu próprio corpo, bem como de suas mudanças e funções.</li> <li>- É menos receptiva e disposta a assimilar a influência direta do adulto; procura afirmar o seu "eu".</li> <li>- Gosta de falar e suas experiências bem sucedidas, felizes.</li> <li>- É grande observadora e exploradora de tudo que a rodeia.</li> <li>- Deseja libertar-se das autoridades estabelecidas na sua casa, escola e na igreja.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar jogos de intensa movimentação a fim de que a criança libere sua energia latente, diminuindo sua inquietação.</li> <li>- Desenvolver jogos organizados, que exijam coordenação motora grossa (membros superiores e inferiores) e fina (mãos).</li> <li>- Utilizar seu espírito competitivo visando o seu aprimoramento e evolução. Não a competição pela competição.</li> <li>- Informar e orientar a criança quanto à constituição de seu corpo, bem como suas funções específicas.</li> <li>- Compreender as possíveis atitudes de rebeldia da criança, bem como colaborar na formação do seu "eu", aceitando-a.</li> <li>- Permitir que a criança, nas reuniões, relate suas experiências ao grupo e fazer com que este as compreenda.</li> <li>- Aguçar sua observação através de atividades específicas e treino.</li> <li>- Compreender que a criança está formando seu "eu" e consequentemente, rebela-se contra as instituições. É possível que tal atitude por parte da criança contribua para sua maturação.</li> <li>- Estimular a criança a participar do processo de decisão do grupo.</li> </ul>

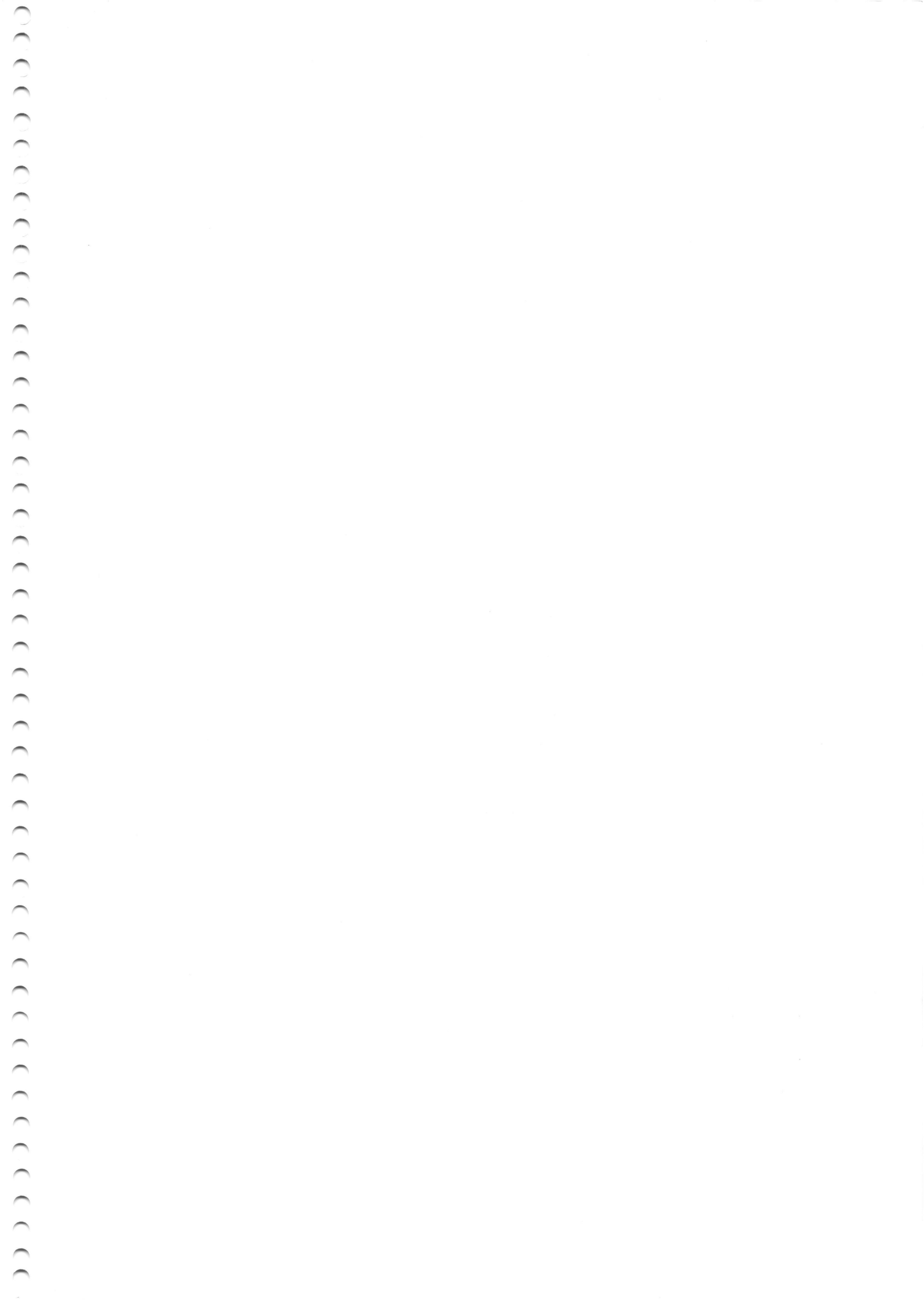


(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 11 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Discute sobre qualquer assunto; possui raciocínio crítico a respeito das coisas.</li><li>- Cumpre suas obrigações, mas não gosta de receber ordens ou ser criticada.</li><li>- Fala com muita fluência, apesar de não ter controle da própria voz.</li><li>- Tem maior liberdade de decisão.</li><li>- Precisa sentir que é aceita pelos de sua idade e assumir, se possível, um papel ativo entre eles.</li><li>- Começa a alternar os amigos entre os dois sexos.</li><li>- Tem necessidade de ampliar sua experiência pessoal no mundo que a rodeia.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Promover discussões que agucem seu senso crítico a respeito das coisas. Propor soluções de problemas.</li><li>- Desenvolver o senso de responsabilidade na criança no cumprimento de seus deveres.</li><li>- Incentivar, através de atividades, o desenvolvimento do comportamento verbal da criança.</li><li>- Engajar a criança no seu grupo, como membro importante e indispensável.</li><li>- Incentivar a formação de grupos com crianças de ambos os sexos.</li><li>- Propiciar à criança um maior conhecimento dos recursos de sua comunidade, bem como do seu Estado, através de excursões, visitas a locais históricos.</li></ul>



Características do Desenvolvimento da Criança ( 12 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de controlar sua energia, tornando-se mais calma e até apática.</li> <li>- Por mais forte que seja o entusiasmo despertado por uma atividade, logo alcança um ponto de saturação.</li> <li>- Sua conduta é de colaborador; de alguém capaz de reciprocidade.</li> <li>- É mais reflexiva. Suas respostas são claras, espontâneas e interessantes.</li> <li>- Ocorrem, nas meninas, transformações no seu organismo, bem como o início da menstruação.</li> <li>- É a idade em que os meninos se masturbam com freqüência.</li> <li>- Tanto o menino como a menina, começam a se interessar por sexo, mais do que antes.</li> <li>- É mais afetuosa, adaptável, aceitando melhor as ordens recebidas</li> <li>- Preocupa-se com a escola, os exames, o boletim, a aprovação.</li> <li>- Perde sua vontade de ser a melhor, para ser igual aos colegas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver atividades de curta duração, para que a criança não perca interesse pela mesma.</li> <li>- Estimular a cooperação entre as crianças e o valor de grupo como fonte de crescimento para todos.</li> <li>- Alimentar o pensamento reflexivo das crianças através de estórias, representações, bem como solução de problemas ligados a sua realidade.</li> <li>- Orientar as meninas quanto às mudanças que se operam em seu organismo e à menstruação.</li> <li>- Orientar os menino quanto à masturbação, de forma simples e objetiva.</li> <li>- Orientar a criança sobre sua sexualidade, de forma simples e objetiva.</li> <li>- Retribuir o afeto dirigido pela criança aos membros do grupo, através de um ambiente cordial e agradável.</li> <li>- Incentivar o seu espírito de cooperação no grupo.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento da Criança ( 12 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Aprecia os momentos de retiro solitário.</li><li>- Deseja ganhar dinheiro a fim de realizar seus projetos pessoais.</li><li>- É consciente de suas virtudes.</li><li>- Observa os adultos para orientar-se no tocante às boas maneiras e formas de comportamento.</li><li>- Necessita sentir que suas opiniões são importantes nas discussões.</li><li>- Agrada-lhe pertencer a um grupo.</li><li>- Gosta de atividades organizadas.</li><li>- Seu papel na família se revestirá de maior importância se lhe forem dadas tarefas familiares dentro de suas possibilidades.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver o interesse da criança pela escola como fonte de saber e aprimoramento no seu desenvolvimento tanto individual como social.</li><li>- Propiciar à criança, momentos de retiro solitário. Isso lhe é importante.</li><li>- Orientar a criança quanto a formas de ter seu ganho sem deixar-se corromper em práticas de atividades ilícitas.</li><li>- Trabalhar a criança visando a suas virtudes, que devem ser conhecidas e reforçadas.</li><li>- Orientar a criança quanto aos bons e maus comportamentos do adulto. Reforçar os comportamentos.</li><li>- Respeitar suas opiniões nas discussões. Se errôneas devem ser reconsideradas e não criticadas.</li><li>- Propiciar atividades em grupo e organizadas.</li><li>- Atribuir à criança, tarefas dentro de suas possibilidades, a fim de que se sinta integrada como membro de sua família e comunidade</li></ul>



Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>13 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- É tranqüilo e reflexivo, concentrando seus esforços de maneira organizada; possui capacidade de organização.</li> <li>- Possui bom controle de suas emoções - é menos impulsivo.</li> <li>- Reconhece que é egoísta, irritável e de pouca compreensão com os outros.</li> <li>- É independente tanto do grupo familiar, como do grupo infantil.</li> <li>- É capaz de autocrítica.</li> <li>- Percebe sua capacidade intelectual, deseja ampliar e acumular seus conhecimentos.</li> <li>- É sensível às críticas.</li> <li>- Pensa em sua carreira, na sua profissão futura.</li> <li>- Preocupa-se com a idéia de casamento, a qual ocupa lugar importante no seu pensamento.</li> <li>- Sente-se crescer em importância quando se destaca em alguma atividade admirada por seu grupo.</li> <li>- Elege um adulto que admira, como modelo para sua conduta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver atividades organizadas ou que exijam organização, tais como: jogos coletivos, quebra-cabeças, recorte, jogo de damas.</li> <li>- Possibilitar que, através de um ambiente permissível e cooperador criado nas reuniões ou atividades, o adolescente exteriorize seus sentimentos e sensibilidade, tendo assim, um conhecimento maior de si como também dos membros do grupo.</li> <li>- Realizar reuniões, onde os adolescentes possam avaliar o seu desempenho no grupo, para estimular e desenvolver a autocrítica.</li> <li>- Estimular o adolescente, sem lhe dirigir críticas severas.</li> <li>- Dar toda atenção ao desenvolvimento de suas potencialidades, bem como orientar quanto às profissões que poderá seguir.</li> <li>- Orientar o adolescente quanto ao que sejam o casamento e sua finalidade.</li> <li>- Orientar o adolescente quanto às qualidades positivas e negativas de seus ídolos, para que ele chegue a suas conclusões.</li> </ul>

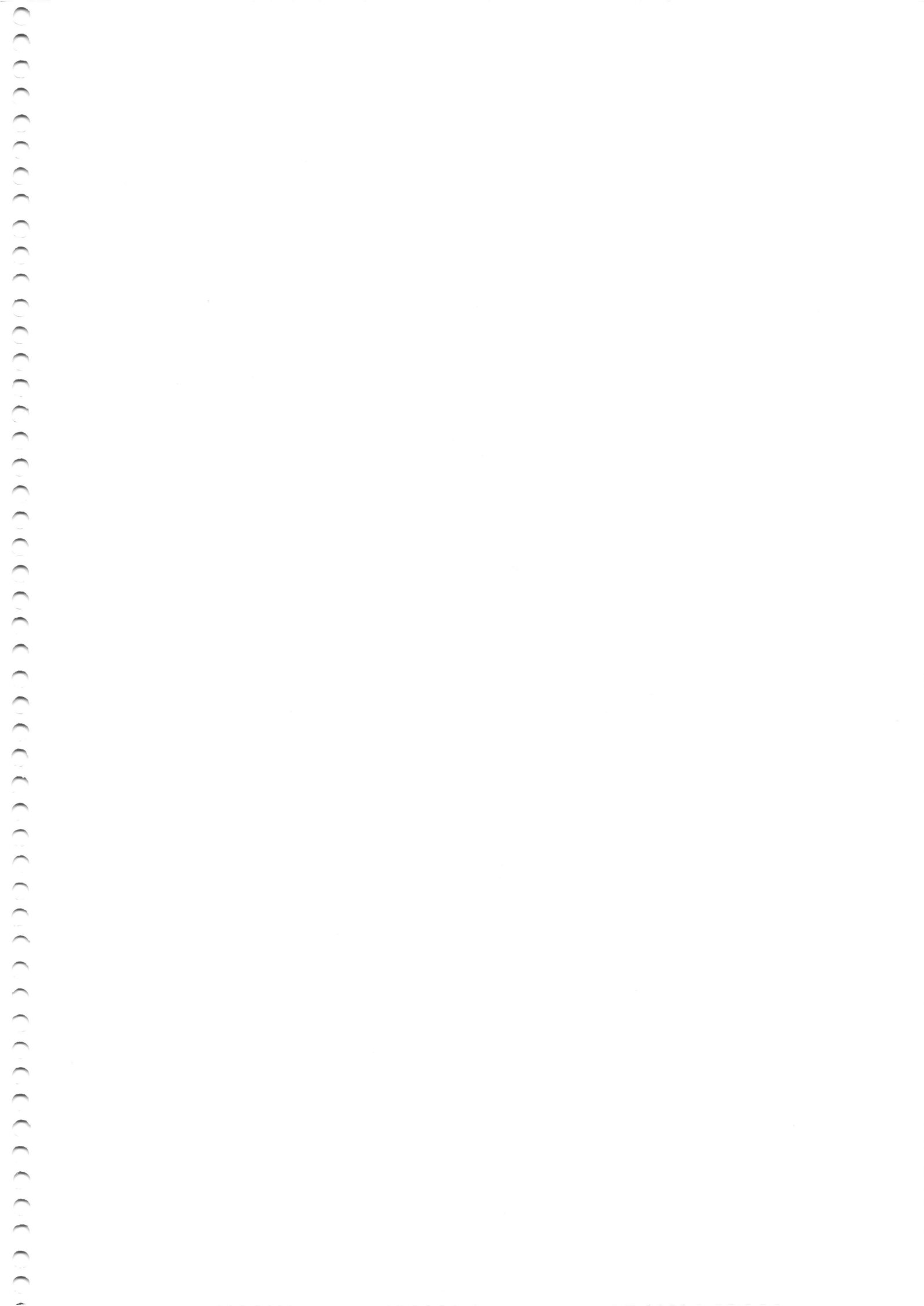


(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>13 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Necessita do reconhecimento declarado por parte do adulto, de sua importância como pessoa.</li><li>- Gosta de práticas esportivas e jogos, aos quais se entrega até a exaustão.</li><li>- Volta-se para o plano espiritual, filosófico.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Reforçar o seu desempenho quando satisfatório nas atividades dadas. É importante para a formação do seu autoconceito.</li><li>- Reconhecer o adolescente como um membro integrante de seu grupo. Na prática, pode ser através da atribuição de tarefas e papéis.</li><li>- Propiciar jogos, bem como torneios com outros grupos.</li><li>- Orientar o adolescente quanto ao aspecto subjetivo da vida, desenvolvendo-o também, num plano espiritual.</li></ul>

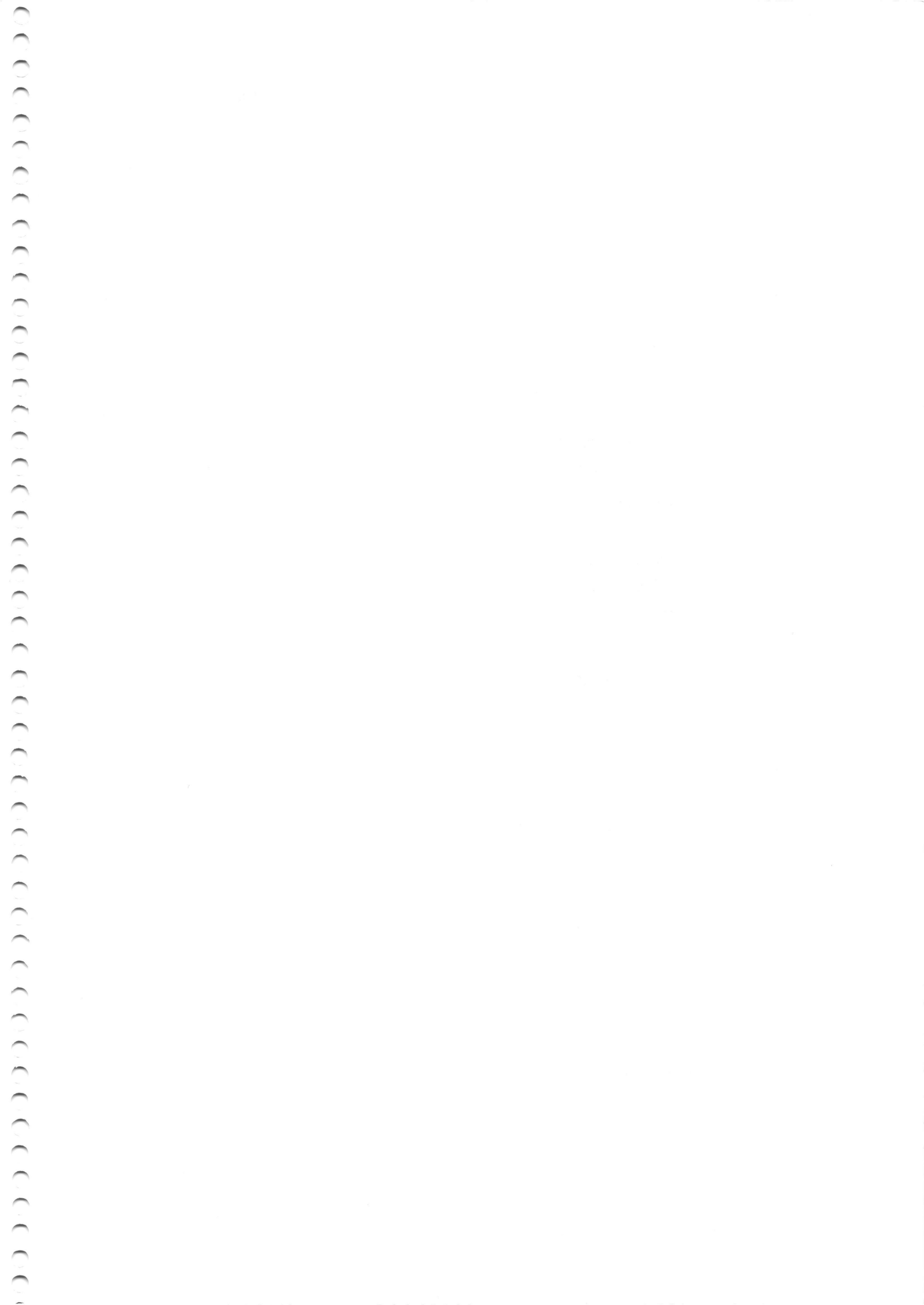


Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>14 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Revela-se como indivíduo. É amistoso e desenvolto, sente-se seguro de si mesmo.</li> <li>- Tem acentuado espírito de grupo, prefere juntar-se a uma variedade de pessoas.</li> <li>- Manifesta seus sentimentos sem inibição. É franco e espera das pessoas sinceridade para com ele.</li> <li>- Preocupa-se com o mundo em que vive; gosta de seu estilo de vida e de si mesmo.</li> <li>- Reconhece em si mesmo algumas qualidades, como: sociabilidade, senso de humor e capacidade para apreciar as coisas.</li> <li>- Abriga alguns pensamentos com respeito ao futuro, porém não faz planos definitivos.</li> <li>- O interesse pelo sexo oposto é mais expressivo nas meninas. Os rapazes, na maioria, continuam mais interessados em seu grupo de amigos.</li> <li>- Procura destacar-se nos esportes; sua energia é abundante e requer atividades de intensa movimentação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar oportunidades nas quais o adolescente possa participar espontaneamente, adquirindo assim segurança para colocar suas idéias.</li> <li>- Propor tarefas para pequenos grupos de formação livre, para que o adolescente se relacione com todos no grupo.</li> <li>- Motivar o adolescente a elaborar dramatizações, dando-lhe oportunidades de exprimir seus sentimentos.</li> <li>- Propiciar a discussão de problemas da atualidade, ampliando com isso o conhecimento do mundo em que vive.</li> <li>- Promover encontros com outros grupos do PLIMEC, para que o adolescente tenha oportunidades de contatar outras pessoas e conhecer o trabalho de outros.</li> <li>- Discutir com o grupo as características das diferentes profissões, dando uma visão geral destas, para que o adolescente conheça as diferentes opções.</li> <li>- Programar encontros com grupos do sexo oposto, instruí-los no tocante aos costumes sociais, favorecendo assim o desenvolvimento de atitudes de sociabilidade.</li> </ul>

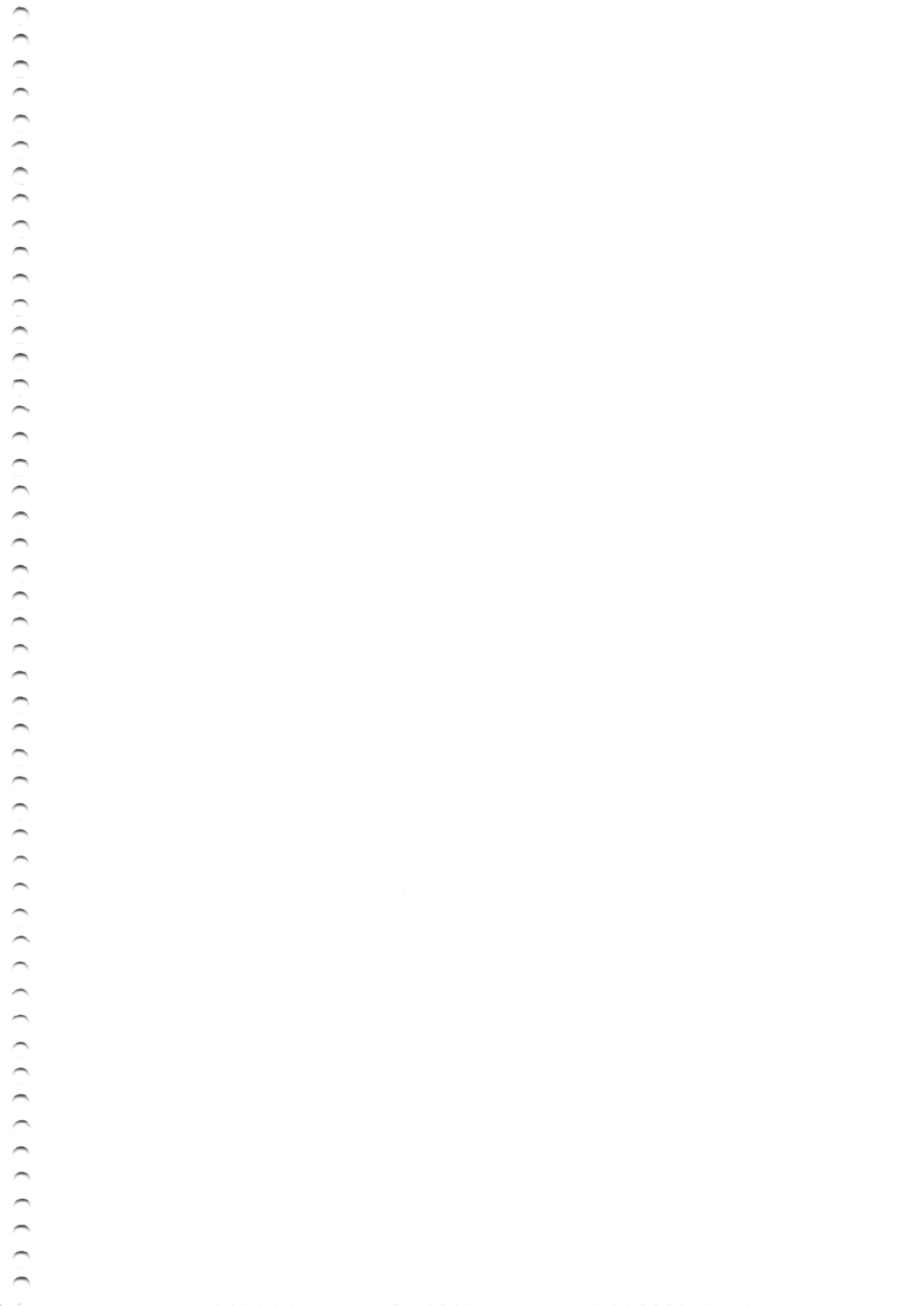


(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( 14 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Mostra-se, em algumas ocasiões, rude, brusco e ruidoso.</li><li>- Relaciona-se em família com certa agressividade, demonstrando desapego a esta.</li><li>- Requer estimulação para cultivar suas tendências intelectuais e artísticas.</li><li>- Comunica-se verbalmente com muita facilidade. Gosta de conversar com todo tipo de pessoa.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Promover torneios esportivos entre os grupos, colaborar na formação de equipes de futebol, bola ao cesto vôlei e atletismo, para que o adolescente canalize suas energias positivamente.</li><li>- Reforçar os aspectos positivos entre os grupos, colaborar na formação de equipes de futebol, bola ao cesto, vôlei e atletismo, para que o adolescente canalize suas energias positivamente.</li><li>- Reforçar os aspectos positivos da família para que o adolescente sinta a importância desta para sua segurança.</li><li>- Proporcionar atividades que envolvam criatividade, habilidade artística, sensibilidade, tais como: artesanato, artes plásticas, música, para que o adolescente desenvolva suas tendências artísticas e intelectuais.</li><li>- Propor discussões a respeito de problemas comunitários, favorecer o contato com pessoas da comunidade para que o adolescente se sinta integrado nesta.</li></ul>



Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( 15 anos )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Revela crescente consciência e percepção de si mesmo, aliados a um espírito de liberdade.</li> <li>- Demonstra lealdade e adaptação aos grupos a que pertence.</li> <li>- Procura dar uma direção e orientação a sua conduta. Tende a organizar suas respostas valorizando suas forças interiores.</li> <li>- Mostra interesse em trocar idéias com adultos sobre os mais variados assuntos. Discute seus problemas pessoais e aceita alguns conselhos.</li> <li>- Manifesta em algumas situações uma variação de humor que lhe é característica, mostrando-se mal-humorado e retraído.</li> <li>- Gosta que reconheçam seus méritos, esforça-se por fazer coisas bem feitas.</li> <li>- Demonstra confiança em sua capacidade de atração relativa ao sexo oposto. Interessa-se por informações científicas sobre o sexo</li> <li>- Dedicar-se com afinco às práticas desportivas. Gosta de acompanhar tudo que diz respeito a seu esporte predileto.</li> <li>- Demonstra interesse por leituras diversas. Gosta de música e artes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sempre que se propuser atividades para o grupo, certificar-se da aceitação pela maioria, evitando o desempenho forçado do grupo.</li> <li>- Reconhecer seu entusiasmo pelo grupo, favorecendo assim, liberdade para a escolha de seus companheiros.</li> <li>- Trazer pessoas da comunidade para conversar com o grupo. Conversar individualmente com o adolescente sobre seus problemas, deixando claro que não serão discutidos no grupo, para que ele não se sinta incompreendido ou humilhado.</li> <li>- Propiciar ao grupo um clima agradável e cooperador. Mostrar-se compreensivo quando algum elemento do grupo se recusar a colaborar. Motivar sua participação.</li> <li>- Reforçar os aspectos positivos do grupo e o esforço de cada um na realização das atividades, para que todos sintam sua importância.</li> <li>- Orientar o adolescente sobre o comportamento sexual e sua disciplina.</li> <li>- Deixar que o adolescente participe das avaliações do grupo, dando assim oportunidade para manifestar seus valores.</li> </ul>

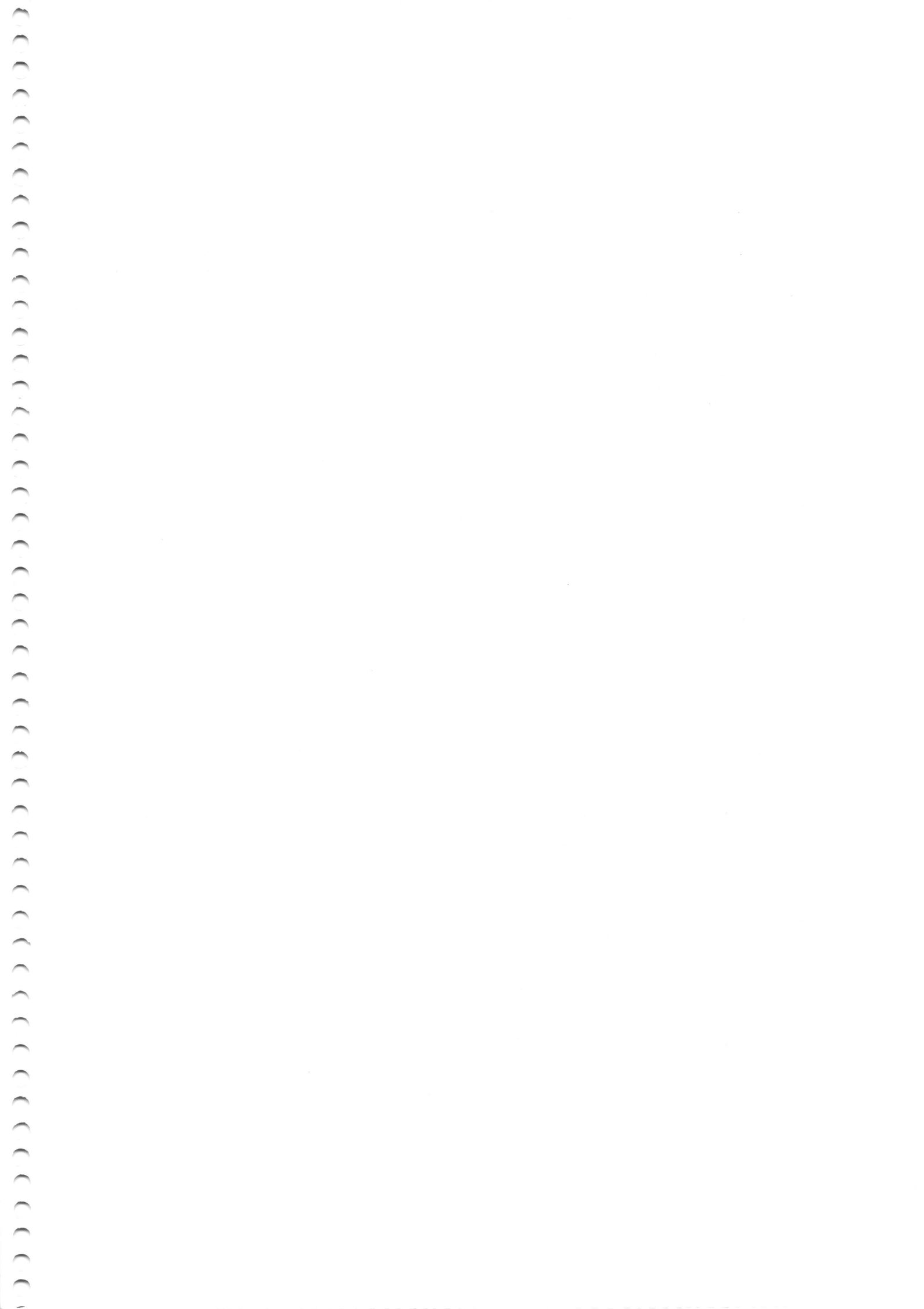


(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>15 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Acha-se capaz de distinguir o bem e o mal de acordo com suas próprias normas individuais.</li><li>- Tem consciência das normas estabelecidas, dos princípios, das regras sociais e dos códigos religiosos. Gosta de discuti-los.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Propiciar ao grupo leituras diversas, sessões de música e artes, respeitando o interesse individual, para que o adolescente siga suas tendências naturais.</li><li>- Dar, sempre que possível, orientação técnica para as práticas esportivas, discutir os sucessos e falhas após cada partida e reforçar o valor de esporte.</li><li>- Propor temas sociais e religiosos para serem discutidos em grupo a fim de que o adolescente esclareça suas dúvidas a respeito.</li></ul>

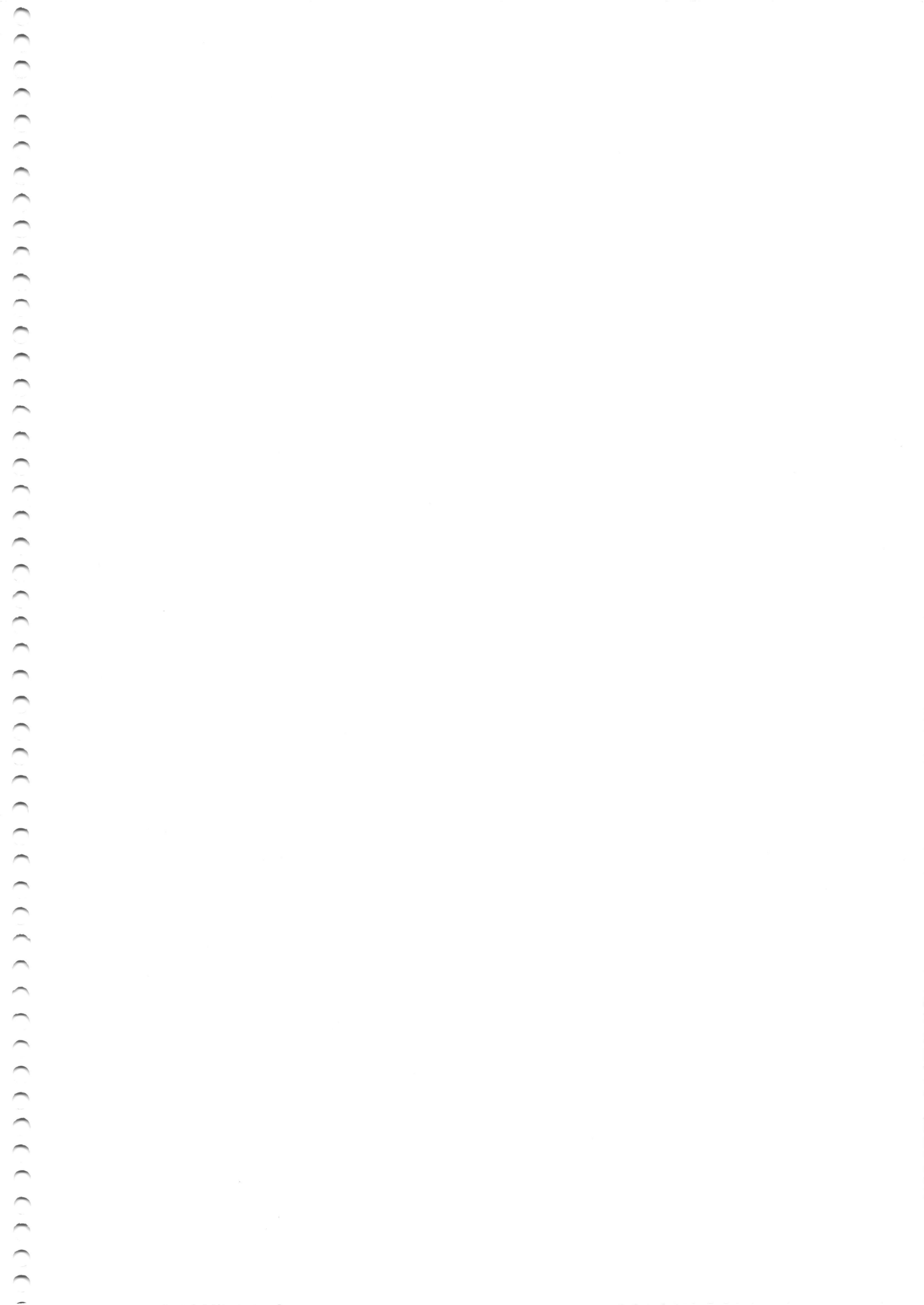


Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>16 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Demonstra confiança em si mesmo. Relaciona-se com o adulto de maneira espontânea e equilibrada.</li> <li>- Cultiva a amizade com os outros adolescentes, principalmente com base em interesses comuns, seja de caráter esportivo ou intelectual.</li> <li>- Prefere as atividades grupais. O grupo o satisfaz rivalizando-se com a família.</li> <li>- Preocupa-se com o futuro e com o que deseja ser.</li> <li>- Tem certo controle de suas emoções, toma as coisas como um critério realista e objetivo.</li> <li>- Necessita de estímulos ideais em seu crescente interesse pelos problemas sociais e coletivos.</li> <li>- Seus interesses e atividades configuram um padrão mais adulto, ocupando um lugar natural na vida.</li> <li>- Necessita de oportunidades para ganhar dinheiro e decidir como empregá-lo.</li> <li>- Acentua-se o interesse pelo sexo oposto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar oportunidades nas quais o adolescente possa travar amizade com o adulto, além de seus pais e professores, para conhecer outros pontos de vista e concepções.</li> <li>- Favorecer a formação de equipes por livre escolha, para que o adolescente encontre um grupo, com o qual tenha mais afinidade.</li> <li>- Reforçar a importância de participação na família como um membro atuante, mostrando-lhe o valor do grupo familiar.</li> <li>- Informar e orientar a escolha vocacional do adolescente para que assuma as decisões com responsabilidade.</li> <li>- Motivar o consenso grupal, para que o adolescente assuma as decisões com responsabilidade.</li> <li>- Enaltecer sua preocupação por problemas sociais. Discutir com o grupo, pôr o quanto possível, as soluções em prática.</li> <li>- Dispensar ao grupo um tratamento a nível mais adulto, para que o adolescente sinta seu crescimento e aceitação como pessoa.</li> <li>- Instruí-lo sobre as possibilidades de trabalho. Orientá-lo na aquisição da carteira profissional e sobre seus direitos.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>16 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Alcança o estágio adulto nas suas funções biológicas. Observa-se uma consolidação do físico e uma maior harmonia das diferentes partes do corpo.</li><li>- Expressa sua independência de modo absoluto, acha-se capaz de tomar decisões por si próprio.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Valorizar as práticas desportivas e seus efeitos saudáveis para o físico, fazendo-o sentir-se responsável por sua saúde e bem-estar geral.</li><li>- Dar orientação sobre conduta sexual, assegurando que os sentimentos devem ser encarados com seriedade e responsabilidade.</li><li>- Orientar o grupo de forma hábil e liberal, para que o adolescente não se sinta coagido.</li></ul>



Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>17 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aparecimento de características adultas, quanto a sua conduta social. É mais responsável, coerente, reflexivo.</li> <li>- Perfeito controle motor e de força física.</li> <li>- Independência dos pais e adultos, sob o ponto de vista emocional e pessoal.</li> <li>- Autoconceito definido e o "eu" estruturado. Aceita a realidade do seu aspecto físico.</li> <li>- Comporta-se segundo o código do grupo, incorpora os padrões e valores de mesmo.</li> <li>- Funções intelectuais bem definidas e desenvolvidas.</li> <li>- Identifica-se com o papel das pessoas do mesmo sexo.</li> <li>- Questiona a sociedade dos seus pais. É reformista.</li> <li>- Usa linguagem adequada para expressar-se e esclarecer os conceitos mais complexos.</li> <li>- Estabelece relações sociais mais adultas com companheiros de ambos os sexos.</li> <li>- Preocupações quanto ao futuro profissional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar atividades que exijam maior elaboração e utilização de suas potencialidades.</li> <li>- Respeitar o adolescente como um indivíduo com características próprias e peculiares.</li> <li>- Oferecer ao adolescente, padrões e valores, a partir dos quais seu comportamento deve se orientar.</li> <li>- Propiciar atividades que exijam o uso de suas funções intelectuais a fim de desenvolvê-la.</li> <li>- Propiciar ao adolescente discussões em grupo, sobre temas sociais para que este manifeste seus pontos de vista.</li> <li>- Desenvolver sua capacidade de pensamento, através da lingua-gem e leitura.</li> <li>- Orientar a escolha da profissão segundo suas habilidades e inte-resses.</li> <li>- Desenvolver o espírito cívico, através de explicações do seu sentido.</li> <li>- Desenvolver e estimular os sentimento humanitários.</li> </ul>

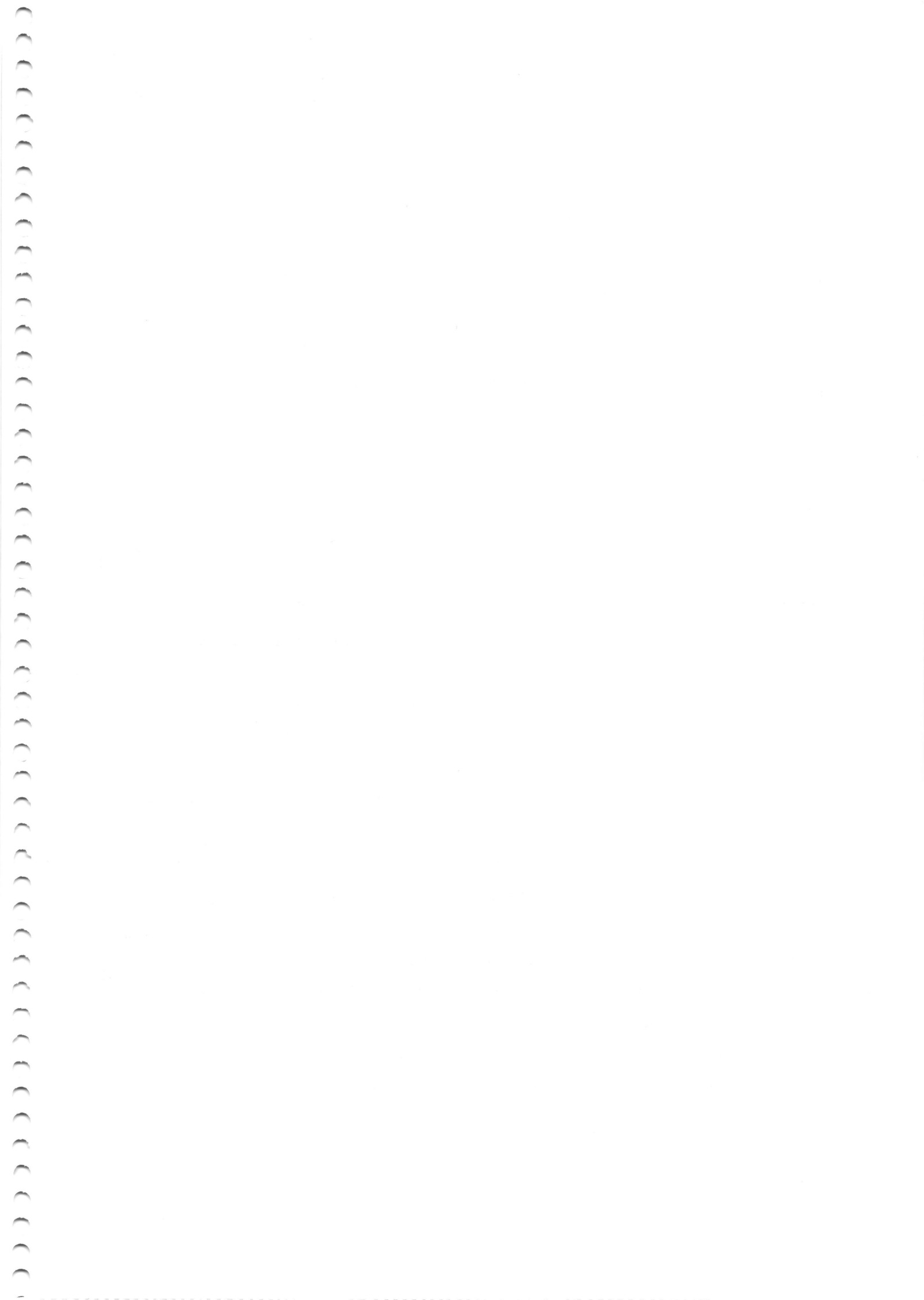


(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>17 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolvimento do civismo. Forte idealismo.</li><li>- Preocupação com relação a problemas sociais e de justiça.</li><li>- Preocupação com a existência ou não de um ente superior.</li></ul>	



Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>18 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Suas características, tanto no que se refere ao seu físico, como a sua conduta social, são de adulto.</li> <li>- Aproxima-se do nível adulto de realização.</li> <li>-Firma o seu "eu" como um membro produtivo e adulto de sua comunidade.</li> <li>- Estabelece-se um laço afetivo forte e recíproco com membro do sexo oposto.</li> <li>- Adapta-se a um quadro de valores sociais padronizados por adultos aprendendo o código de seus novos companheiros.</li> <li>- Resolve seus problemas de maneira responsável.</li> <li>- Explora a possibilidade de um futuro companheiro, prepara-se remotamente para o casamento.</li> <li>- Prepara-se para aceitar seu futuro papel na vida adulta masculina ou feminina.</li> <li>- Procura canalizar, de forma adequada, seus impulsos sexuais.</li> <li>- Atinge nível de pensamento e raciocínio adulto.</li> <li>- Formula um sistema viável de crenças e valores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tratar o adolescente como um indivíduo, membro ativo da sociedade.</li> <li>- Orientar quanto ao relacionamento com o sexo oposto.</li> <li>- Orientar quanto ao desenvolvimento do seu papel no grupo social.</li> <li>- Propiciar a discussão de problemas específicos e gerais, a fim de desenvolver sua capacidade de decisão.</li> <li>- Orientar quanto à função do casamento e da vida em comum.</li> <li>- Orientar quanto ao comportamento sexual sadio.</li> <li>- Desenvolver, através de atividades, suas funções intelectuais.</li> <li>- Discutir seus critérios de julgamento, a fim de lhe dar segurança no que se refere aos conceitos de "certo" e "errado".</li> <li>- Incutir no adolescente a importância de ter uma atividade profissional.</li> <li>- Propiciar ao adolescentes, formas de desenvolver suas aspirações.</li> <li>- Oferecer oportunidade de formação e/ou especialização técnica.</li> </ul>



(continuação)

Características do Desenvolvimento do Adolescente - ( <b>18 anos</b> )	ORIENTAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>- Preocupação profissional, em afirmar-se e ganhar independência com relação à família.</li><li>- Estado constante de elaboração de projetos, uma vez que é fase de fortes aspirações.</li></ul>	



### 3.2. SOBRE A FAMÍLIA

De acordo com a pesquisa "Meninos de Rua - expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo", SP, CJP, 1980, de Rosa Maria Fischer Ferreira *"a vida na rua não provê a mediação necessária entre o mundo e a criança, senão de um modo muito mais fluido e ameaçador — a vida das ruas é intrinsecamente violenta e instável e é preciso saber manter-se entre essas coordenadas para sobreviver"* (vidas calcadas no medo, na violência, na tensão, na provisoriidade e na solidão) que resulta em crianças individualistas, imediatistas, desconfiadas, tendo que conviver com a violência em todos os níveis.

As entidades assistenciais, asseguram apenas a base material para a sobrevivência física dessa criança o que é quase nada para o desenvolvimento psíquico (nível cognitivo, afetivo e emocional) necessário além de explicar as causas das ações e representações dessas crianças, tentar compreender suas ações e representações sob dadas condições e entendê-las no contexto objetivo que se realizam.

As famílias dessas crianças são em geral "desorganizadas" — ausência do pai por falecimento, alcoolismo, abandono, prisão, ou ausência da mãe — por abandono, prostituição, psicose, prisão outras vezes com a presença de padrasto ou madrasta. Na maioria das vezes há dificuldade de relacionamento com a família quando não há ausência da mesma. O nível de escolaridade dos componentes da família é baixo, o analfabetismo é acompanhado da habilitação profissional pouco desenvolvida, os pais têm ocupações pouco rentáveis, subemprego e os que trabalham em setores produtivos tem baixa remuneração.

Diante dessas situações de vida determinadas crianças e adolescentes se referem a sentimentos de abandono e solidão quando não tem família, sentimentos de rejeição e incompreensão, de revolta, quando perguntados sobre o uso de drogas "sensação de desligamento da realidade para não se preocupar com nada".

A elaboração de uma metodologia de atendimento a essas crianças passa necessariamente pela reintegração das mesmas à família quando detectadas condições a partir de um plano de investigação sobre a dinâmica familiar das crianças e adolescentes que vivem ou trabalham na rua. Para a caracterização do perfil das famílias, é importante considerar na investigação a pesquisa através do convênio Flacso/Unicef-1990, realizada em Goiânia e que propicia uma visão rica dos principais aspectos que possam ser considerados relevantes na apreciação da dinâmica familiar.

Essa pesquisa visou relacionar aspectos da interação familiar às seguintes situações envolvendo seus respectivos membros, crianças ou adolescentes tais como:

- o abandono de casa para viver na rua;
- o exercício da atividade de emprego;
- possível trajetória de vida a começar pelo desemprego, terminando pela vida inteira na rua.



Também foram considerados relevantes os efeitos do grau de pobreza familiar. Apesar de inúmeras pesquisas apontarem o econômico como fator responsável, determinante para o problema, nesta pesquisa desde o início aparece a seguinte questão: porque existem famílias, em condições miseráveis que conseguem se manter razoavelmente estruturadas, sem que nenhum de seus membros troquem em definitivo o convívio familiar pela rua, mesmo obrigados a buscarem nas ruas o complemento da renda familiar?

A pesquisa aponta para resultados diversos na forma pela qual enfrentam as pressões econômicas pela sobrevivência. Verificou-se que em famílias mais integradas observam-se índices de gratificação entre os parceiros com explicitação de afeto — pai ou mãe ou ambos — figuras fortes que estimulam a cooperação. Nas famílias mais desintegradas manifestações de rejeição e violência entre os parceiros, reduzindo a casa a simples dormitórios (pais, figuras “fracas”, desmotivadas e impotentes). Não se trata de um fenômeno estático — “a família unidade sempre será unida”, ou “a família desintegrada nunca conseguirá unir-se”. No processo de convivência ocorrem flutuações de compromisso mas o eixo sem dúvida oscila da solidão à solidariedade.

Os compromissos de lealdade e solidariedade parecem ser a ação neutralizadora frente a grande atração que a rua exerce já que as crianças sonham com um mundo que se encontra fora de sua casa pressionado e submetido às pressões de consumo que a sociedade divulga através dos meios de comunicação.

Constatou-se também uma mudança dos papéis no interior da família, algumas apresentando uma estrutura matrilinear, outras com crianças que devido ao seu trabalho assume a condição de “homem da casa”, o que contribui para a crise de identidade — quem é quem na família. Porém só isso não explica os problemas, senão estariam presentes em todas as famílias estruturadas.

A pesquisa acaba por concluir que a organização da família e sua sustentação se dá em outra instância, isto é, na falta de solidariedade no interior da dinâmica familiar. Dessa forma, enfatiza que a solução se encontra no fortalecimento da família a partir de políticas que possam contribuir para uma dinâmica de interação familiar mais integrada.

### 3.3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA E/OU NA RUA

O exercício da função de educador de crianças/jovens em situação de risco, está referenciado a um projeto institucional e tem seu sentido dado por esse projeto. Dessa forma, há necessidade de definição de pressupostos das políticas da área, para que os agentes envolvidos tenham clareza sobre os objetivos pretendidos pelas instituições envolvidas. Considere-se, para esse fim, a necessidade de desenvolver competências que expressem uma visão da totalidade do processo educativo, tanto no que se refere aos procedimentos psico-pedagógicos, quanto em relação aos procedimentos de ensino-aprendizagem. Alie-se a esse grande princípio norteador, a ausência de preconceitos em relação “ao outro”, representado, neste



caso, por um segmento de excluídos da sociedade. Encarado pelo princípio da alteridade, esse excluído social é o *"inteiramente outro"*, ou seja aquele para quem o processo de construção de um conhecimento deverá se dar em relação, portanto, em articulação. Apontando para a significação da presença daquele que é *único*, portanto, diferente de *outros sujeitos* no espaço de trabalho do educador, este deverá construir, desenvolver instrumentos para ler, compreender e interpretar a realidade dessas crianças e jovens.

Para entendermos a fragmentação de sua identidade, necessitamos compreender o próprio sistema que produz a marginalidade (inserção marginal no mercado de trabalho, subemprego, desemprego e abandono). Trata-se, neste projeto, de apontar alternativas para a construção de possibilidades de retorno desses atores sociais às suas famílias de origem, ou de mecanismos outros de proteção aos mesmos. Para trabalhar na perspectiva de (re)construção de suas identidades sociais, alguns referenciais teóricos deverão ser adotados até o final deste primeiro módulo, dentre os quais, a discussão realizada por Goffman sobre a manipulação de identidades deterioradas. Segundo o autor, a identidade é histórica na medida em que é constituída subjetivamente por atores sociais, através dos seus dados pessoais, sua biografia, pelos atributos que os outros lhe conferem, pelas representações e sentimentos que ele adquire através de si próprio e na interação com o meio social. Alie-se a esse horizonte posto pela psicologia social, as demais perspectivas das teorias construtivistas e das teorias psico-pedagógicas de Makarenko e Freinet.

### **3.3.1. Quem são as crianças e/ou meninas de rua ou na rua.**

- Crianças vítimas de negligência, abuso e maltratos na família e nas instituições;
- Crianças vítimas de abandono e tráfico;
- Crianças e adolescentes que fazem das ruas:
- Seu espaço de luta pela vida (como parte da estratégia de sobrevivência das famílias marginalizadas do processo produtivo).
- Seu espaço de habitação, pois já não retornam à casa depois de um dia de atividades nas ruas.
- Crianças e adolescentes vítimas de trabalho abusivo e explorador;
- Crianças e adolescentes envolvidos no uso e até mesmo no tráfico de drogas;
- Crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual (pornografia e prostituição);
- Adolescentes ou "jovens-adultos" em conflito com a lei em razão de ter cometido atos infracionais (homicídio, roubo, tráfico, etc.).

Embora a opinião pública dos grandes centros urbanos, veja tais crianças como um grande problema para a sociedade é preciso perceber que a situação dessas crianças resulta da omissão do poder público, da sociedade e da situação degradante das famílias que em condições de miséria (sem emprego, sem habitação, etc.) usam os próprios filhos para amearhar alguns trocados para a sobrevivência.



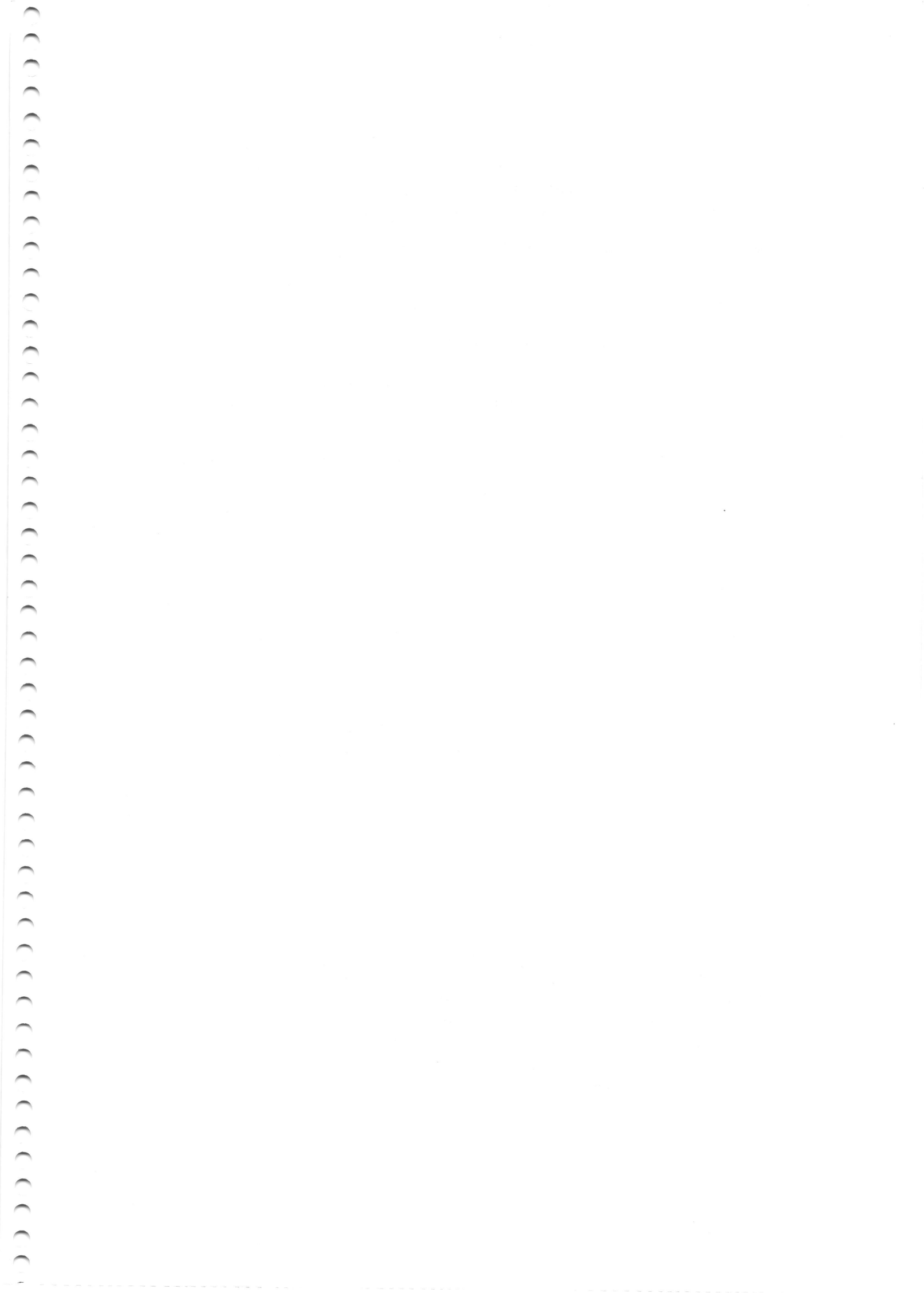
As crianças de rua e/ou na rua estão fora da Escola ou de lá foram expulsas por não corresponderem aos padrões de "moralidade", "higiene" e aprendizagem exigidos pela Escola e pelos professores. Na rua não têm atendimentos à saúde, pois nenhum médico, dentista ou enfermeira nos postos de saúde estão interessados neles; são desocupados, pois não têm oportunidade de aprender um ofício ou profissão para ajudar suas famílias e todas as portas se fecham para a capacitação e encaminhamento desses adolescentes ao trabalho. As únicas pessoas que se lembram dessas crianças é a polícia (instituição de segurança pública), mas para reprimi-las e a maioria das vezes, matá-las.

### **3.3.2. Caracterização das crianças na rua.**

No que se refere a crianças de rua ou na rua, o trabalho do educador deverá se caracterizar pelo domínio de duas ordens de conhecimentos: o domínio da psicologia do desenvolvimento infantil e adolescente: as características próprias da infância e adolescência (ver quadros) e o domínio dos fatores sociais, econômicos, familiares, etc. que modificam, embotando as características próprias da idade, desvirtuando, camuflando e as vezes até precocemente acelerando-as, levando a criança da rua a ter comportamentos divergentes às fases correspondentes à idade de seu desenvolvimento bio-psico-social.

Assim, o comportamento divergente de crianças e adolescentes, manifesta-se psicologicamente através de algumas atitudes que resumimos como segue:

- Rebelia aos valores pessoais, sociais, familiares, etc.;
- Revolta consigo próprio e com os outros;
- Violação de sua própria integridade física, psicológica, moral e social;
- Provocação ao adulto seja ele intra ou extra familiar;
- Omissões e transgressões que se exprimem nas mais diversas formas de condutas divergentes à moral ou à legalidade da sociedade;
- Trancamento em seu próprio mundo interior (pouca fala, expressões alienadas, resultantes das perdas pessoais e emocionais infringidas à sua pessoa);
- Quando falam de si se expressam como se seus problemas não fossem verdadeiramente seus;
- Insegurança, medo, desconfiança em face da invasão de seu mundo, temendo perder o controle das situações que dominam;
- Sentimento de abandono, desvinculação, desencontro, solidão, isolamento, incomunicabilidade;
- O sentir-se "mau", "revoltado", sem "solução" tem 3 momentos: o primeiro é o de inquietação (início da vida na rua, faz exigências descabidas, faz esforços de aproximação, apelos discretos e desajeitados ao adulto que se aproxima); o segundo, quando já se sente de rua (abandono consumado) os sentimentos são de rejeição dissimulação, segurança enganadora, onde faz "representações" de todos os



tipos, para simular a sua própria privação afetiva, física, emocional, etc.; o terceiro momento é procurar o grupo (outros meninos ou meninas de rua, vítimas dos mesmos sofrimentos e da mesma solidão) e a partir daí se entregam aos danos sobre si mesmo, sobre os "outros" e que não são de seu grupo, e sobre a legalidade estabelecida pela sociedade;

- Nenhum menino ou menina vive sozinho na rua. Estabelecem um código de sobrevivência que só os "iniciados" conhecem e respondem na hora de perigo;
- O grupo, portanto é o seu forte, pois devolve-lhes o sentimento de inclusão e de "pertencimento", capaz de excluir a sensação de abandono e solidão, protegendo e subjugando de um lado, expondo e espoliando de outro;
- Na rua as crianças alimentam um sentimento de pré-determinação, de "destino", de inexorabilidade das marcas da vida, estigmatizando a si próprios, como se o "estar-no-mundo" fosse uma fatalidade, e "aquela vida" não tivesse solução: "o que der, deu", "eu me viro", "não esquenta, que a gente se vira", etc. são expressões que revelam tais sentimentos;
- As leis da rua são rígidas e se encaixam em um código rigoroso e até implacável: vingança, força, esperteza, não delação, proteção aos mais fracos ("mulheres" e "crianças pequenas"), obediência à liderança (mais forte, mais corajoso, mais esperto, vencedor, conforme o código);
- O tempo para as crianças na rua tem uma velocidade vertiginosa. O imediatismo do "aqui-agora" está presente em suas conversas e na busca de soluções futuras. O imediato é comer, dormir, vestir, usufruir dos bens que a carência material não propicia;
- O desejo e a fantasia (o "ver, desejar", sem poder obter) traz para o presente, para o cotidiano as exigências mais absurdas no que se refere as necessidades supérfluas, só satisfeitas, via de regra, pelo trabalho, um projeto de vida, e pela mudança do modo de vida na rua, para eles, a premência da satisfação leva ao roubo, violência, extorsão, etc.;
- Correr riscos, estar com os "nervos na flor da pele" é uma forma de mostrar valentia e ser apreciado e aprovado pelo grupo. Portanto, muitas vezes o grupo exige das pessoas mais medrosas, mais frágeis e mais inseguras, determinadas "provas" como condição de sua permanência no grupo. Daí certas crianças oscilarem entre a obediência e a submissão e a rebeldia às ordens do grupo, e na maioria das vezes as normas do bando são aceitas em prejuízo ao equilíbrio emocional daquele que foi submetido à prova;
- O grupo é auto-determinado e a maioria das vezes se organiza e exige compromisso para realizar um delito, enfrentar uma briga, escapar da polícia, conseguir drogas, etc. Na maioria desses grupos há uma certa solidariedade, mas existe também opressão, exploração, violentação e abuso;
- As marcas mais profundas dos meninos e meninas em situação de rua foram feitas pela família: falta de afeto, falta de apoio nos primeiros problemas na escola, abandono, descaso, rigidez, autoritarismo, abuso sexual do pai ou parentes, desintegração familiar ocasionada pela miséria, desorientação da mãe, prostituição da mãe, alcoolismo do pai, cobranças pelo não trabalho, falta de amparo nas necessidades básicas: alimentação, habitação, educação, saúde, segurança, lazer, etc. Para muitos, a volta à família é uma ameaça à integridade física e moral.



### **3.3.3. Orientações Pedagógicas.**

É fundamental que o educador faça um diagnóstico da criança, primeiramente conforme as características do comportamento correspondente ao seu desenvolvimento normal (idade, características bio-psíquicas e sociais, etc.) conforme o quadro já indicado neste trabalho, porque se a criança está “iniciando” na rua, talvez ainda não rompeu ou violentou as características de sua idade; nestes casos as orientações pedagógicas se adequam às idades correspondentes. Se este não for o caso, se a criança já se “ajustou” a comportamentos divergentes e aos mecanismos de desajustamento psicológico, anti-sociais etc., como os descritos acima, o Educador buscará orientar sua ação por alguns princípios que são básicos para tais situações:

- Não considerar apenas a situação presente das crianças, mas considerar também a sua trajetória;
- A primeira abordagem é fundamental: sensibilidade, presença segura, abertura e diálogo “não moralista” são básicos no primeiro contato;
- Tirá-los da rua ou por adesão ou motivados por algum interesse imediato, pois a reflexão dos adolescentes em algum “lugar seguro”, à distância do ambiente onde está imerso, ajudará a vivenciar outras situações e convívios, longe da situação de rua;
- Promover a ruptura com o ambiente da rua; sugere-se que essa ruptura não seja lenta e gradual, mas total, pois a criança dificilmente se desvencilha de seus envolvimento, relações compromissos, hábitos, usos e costumes no qual sustenta sua vida na rua (a cultura da rua);
- Desarticular os automatismos de comportamentos aprendidos na rua, através de treinos de nova postura, novos hábitos e atitudes;
- Ordenar o cotidiano: acordar, lavar-se, comer, trabalhar, cuidar do ambiente, cuidar do corpo, conversar, divertir-se, descansar, estudar, namorar, dormir. Nesse processo não há coisas importantes ou menos importante, tal aprendizagem, com uma orientação segura, desintoxica a criança dos hábitos da rua;
- Fortalecer o grupo: realçar o individual através do grupo nas práticas do cotidiano. Não é o trato de “intimidade” com o educador que favorece o processo, mas a clareza nos momentos de intervenção no grupo. Definir objetivos, tarefas com vistas ao crescimento do conjunto, não cair no “psicologismo” sentimental, nem no pedagogismo rígido, moralista e vazio que provoca reações turbulentas nas personalidades já machucadas na rua, na família ou nas instituições;
- Estar atento aos níveis de estruturação do processo educativo:
  - condições materiais do processo;
  - organização das pessoas em função do tempo, do trabalho e do poder;
  - representação do processo na consciência das pessoas, a comunicação, as formas de expressão, etc.



Esta ordenação orienta as bases do processo educativo e reajusta inicialmente as relações educador-educando: partindo da análise da trajetória das crianças, o educador vai “problematizando” as velhas e novas circunstâncias da vida delas, ao mesmo tempo que as instrumentaliza com orientações, instruções, exercícios e conhecimentos para as situações que se apresentam no momento em que o processo de reeducação se completar com a criança assumindo novas atitudes, faz-se os encaminhamentos para práticas oferecidas nos programas e / ou equipamentos próprios da comunidade para completar o trabalho de educação com a criança;

- Todo processo educativo exige que na relação educador-educando se imponha limites. No caso de crianças em situação de risco, esses limites são necessários e as vezes até exigidos pelas crianças através de comportamentos (indiferença, agressão) que expressam sinais de socorro do abandono psicológico extremo em que se encontram. Se o educador vacilar corre o risco de pôr tudo a perder. A compaixão, piedade, as pieguices moralistas não se enquadram nesta relação;
- É preciso ter claro a diferença entre afetividade e sexualidade, reduzir esta àquela, ou vice-versa, traz conseqüências desastrosas. Para mudar a atitude da criança face o sexo, é preciso ajudá-la a mudar a atitude diante de si mesma e da própria vida. A presença de educadores de sexo feminino e / ou masculino no trabalho com estas crianças favorece à reconstrução da nova identidade “homem”, “mulher”;
- Eleger o espaço onde as crianças se reúnem, como um centro de convivência, limpo, agradável e convidativo: é o espaço coletivo, que além das condições materiais, abrigam as crianças, educadores e todos que trabalham com as crianças. Ali é o “mocó” onde ocorrem mudanças físicas, materiais e psíquicas e precisa ser de todos e abrigar todos;
- É preciso que as crianças sintam que o atendimento, os programas, o local não são “eternos” e nem para sempre. Elas precisam saber dos limites e provisoriedade do trabalho; sentir que o programa é uma “passagem”, uma “travessia” para uma nova vida, novos projetos e novos encaminhamentos.
- Ajudar as crianças a construir seu projeto de vida, é um desafio que o educador deve lidar com realismo e bom-senso. Mas sem essa aquisição existencial o adolescente não consegue situar-se, sentir-se seguro e corre o risco de resvalar novamente, pois a grandeza da tarefa pode assustá-lo. Se o educador agir com prepotência neste momento, a criança não se sente segura para vencer as primeiras dificuldades diante da nova vida.



## II – Princípios Norteadores para Elaboração de uma Política Pública para a Área da Criança em Situação de Rua e/ou na Rua

### I. PRINCÍPIOS POLÍTICOS

A partir de um mapeamento dos equipamentos destinados ao atendimento da demanda na área social, os mesmos deveriam ser objeto de uma política de planejamento integrado entre Secretarias do setor visando otimizar seu uso, evitando duplicidade de gastos e de investimentos (mobilização) de recursos humanos desnecessários. A formação do GEMINTER, no caso da esfera municipal, poderia ser o canal que permitiria o estabelecimento de um fluxo inter-secretarial, desde que projetos diferentes estivessem integrados não pela estruturação de maiores procedimentos burocráticos, mas por princípios norteadores que respeitassem as diversas realidades locais onde são desenvolvidos. Ao invés de congestionar a área ainda mais com normatizações rígidas, um colegiado com esse perfil deveria otimizar os usos dos equipamentos através de um fluxo de informações regionais, dando autonomia aos responsáveis do setor para busca de soluções emergenciais. Pequenos fóruns locais poderiam ser incentivados e organizados pelos conselhos tutelares, para, em conjunto com os executores da política da área, efetuarem levantamento permanente de demandas e encaminhamento de propostas.

O cadastramento de famílias de baixa renda poderia ser efetuada por órgãos de diferentes Secretarias, numa ação conjunta que permitisse uma abrangência satisfatória em termos de visibilidade para demandas futuras, ou até mesmo, para a adoção de um projeto de renda mínima, visando a permanência de crianças na escola formal.

Utilizar os equipamentos da área de esportes e cultura como possibilidade de oferta para permanência de crianças de 1ª a 4ª séries além de seu horário escolar, através de projetos de convivência cultural e esportiva, é uma prática adotada por inúmeras Secretarias Municipais de Educação, por exemplo.

O estabelecimento de parcerias com o chamado terceiro mercado - as ONG's e demais entidades assistenciais de atendimento que operam na área - é uma necessidade irreversível, uma vez que o desmonte do Estado levará inevitavelmente ao crescimento desse segmento. Assim se refere Sachs à questão dos empregos ligados à produção de serviços sociais, cujo déficit é sentido em todo mundo: *A barreira com a qual se choca nesta área é a do financiamento. Apesar disso, é possível imaginar soluções inovadoras, fundadas sobre parcerias entre os usuários, as organizações de cidadãos do terceiro setor (privado e, apesar disso, público, por funcionar sem fins lucrativos), dos poderes públicos e das empresas. Os países nos quais o nível médio de salários continua baixo possuem uma vantagem comparativa na produção de serviços sociais, enquanto o essencial das despesas for destinado a pagar os agentes que o realizam.*<sup>5</sup>

---

(5) Ver: Sachs, Ignacy. "Apartheid social ameaça força de trabalho". Estado de São Paulo, 14 de janeiro de 1996



A despeito de discordarmos do sociólogo no que tange à questão da manutenção de salários baixos para agentes que trabalham na área, o que possibilitaria até a ampliação dos serviços sociais, sem dúvida os possíveis financiamentos deverão se preocupar em brevíssimo tempo inclusive com a contratação dos quadros funcionais. A se manter a tendência atual, o terceiro setor será quase exclusivamente responsável pela mão-de-obra que trabalhará na área das políticas assistencialistas ou compensatórias. Esse processo, no entanto, deverá ser cuidadosamente avaliado pela esfera executiva que, tendo diminuída sua capacidade de atendimento, terá que escolher parceiros competentes para o desempenho conjunto de funções públicas. Uma avaliação rigorosa das entidades e ONG's do setor é necessária e deverá ser sistemática, sendo possível através de uma pequena equipe operativa de acompanhamento e avaliação institucional. Acrescente-se que ao lado da avaliação institucional, o acompanhamento e avaliação metodológica das atividades e/ou projetos implementados se faz necessário e deve ser processual.

## 2. PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

Algumas definições são fundamentais. Uma concepção clara sobre o perfil dos educadores que trabalham diretamente com as crianças, bem como sobre capacitação contínua em serviço deverá estabelecer o horizonte para possíveis futuras ações das políticas na área. Entendemos que capacitar é possibilitar ao educador tornar-se sujeito de sua ação e pensamento, desenvolvendo autonomia na busca de conhecimentos e experimentação que contribuam para a melhoria do desempenho profissional e desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para a construção de uma sociedade democrática. Assim, as ações de capacitação devem se constituir em processo articulado, envolvendo planejamento, execução, avaliação de resultados e replanejamento. Para promover a mudança de qualidade na prática profissional, o processo de capacitação não pode se resumir à participação dos educadores em palestras, seminários e cursos, mas fundamentalmente deve significar seu envolvimento em estudos sistemáticos que traduzam reflexões sobre sua prática. Para isso é necessário levá-los a organizar planos de estudos e atividades, individualmente e em grupo. Os problemas postos pela prática deverão ser o ponto de partida e de chegada, exigindo uma postura teórica que os articule, através de uma reflexão crítica que aponte a superação dos entraves. A prática educativa exige uma construção pessoal, porém, elaborada a partir de recursos socialmente disponíveis. Assim, é preciso que o educador reflita sobre sua prática, compreendendo-a e assumindo o compromisso de transformá-la. A capacitação deverá se orientar no sentido de encorajá-lo a superar o senso comum e a utilizar as teorias científicas como um dos instrumentos possíveis para a solução ou ampliação da visibilidade sobre os problemas encontrados no cotidiano. Isto, porém, só é possível quando se estabelece no trabalho do educador a nem sempre tranquila relação teoria/prática. Essa relação depende, dentre outros fatores, de condições objetivas da organização do trabalho por parte da esfera executiva - planejamento integrado, investimentos na área, processo de acompanhamento e avaliação, rigorosidade na contratação das entidades concorrentes para o atendimento do setor, busca de parcerias adequadas - e do envolvimento dos demais agentes do sistema.

Para dar concretude à autonomia exigida para a implementação de projetos diferenciados entre si - visando atender as diversas realidades locais e efetivando um atendimento de maior qualidade - é necessário fortalecer a formação de quadros capacitadores nos diferentes bairros, à semelhança dos

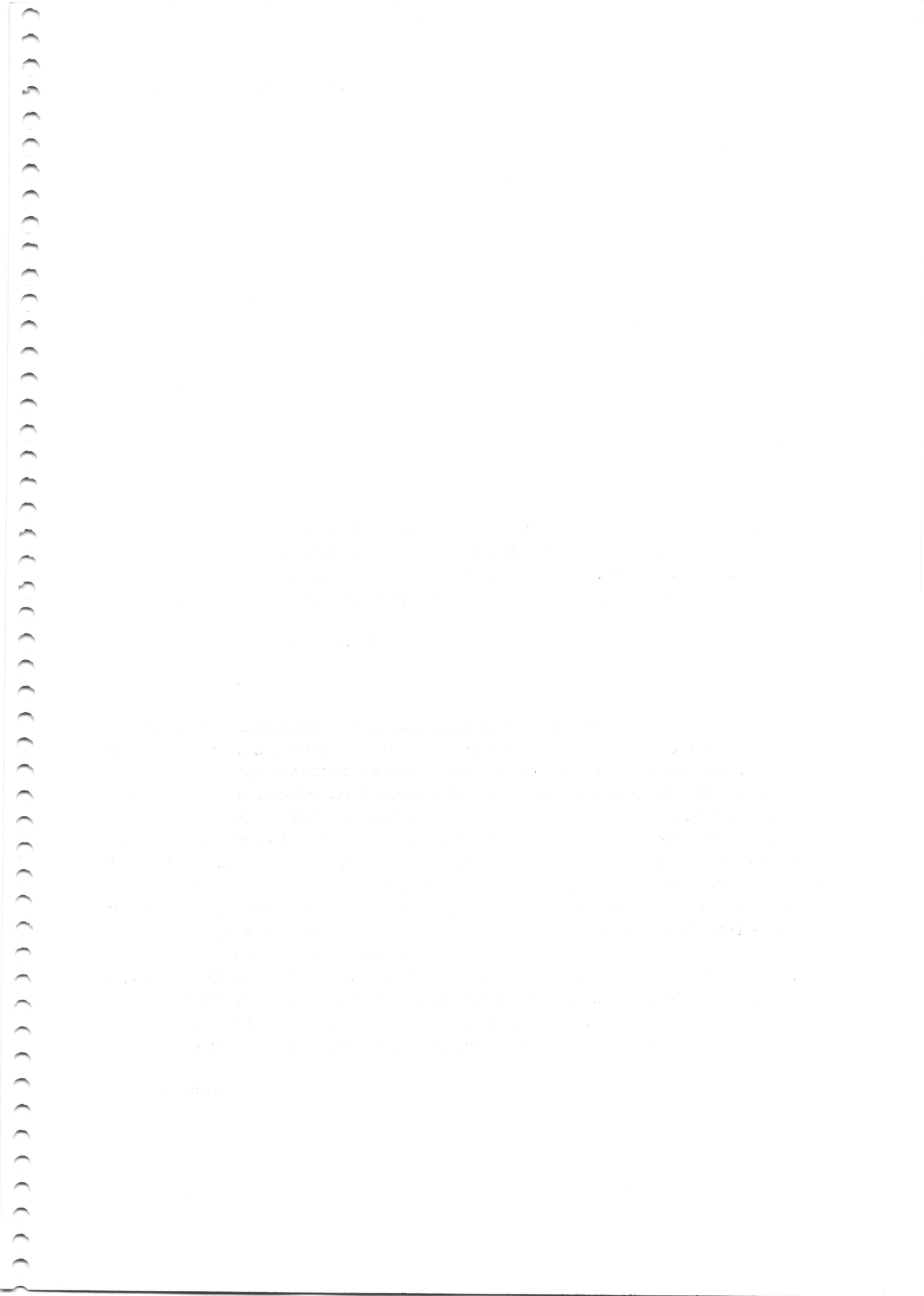


Faint, illegible text is visible throughout the page, appearing as light gray or blue ghosting. The text is too faded to transcribe accurately but seems to be organized into paragraphs and possibly lists or tables.

grupos de auto-formação e estudos postos em prática pela administração municipal de educação entre 89 a 91. Basta municiá-los com ações sistemáticas e formas de avaliação que demonstrem a importância do processo, bem como os resultados institucionais e sociais alcançados.

Dessa forma, a capacitação desses educadores deve lançar mão de estratégias variadas para dar fluxo à produção/socialização do conhecimento no processo de trabalho, visando:

- resgatar o sentido de trabalho coletivo;
- aproveitar as potencialidades de profissionais oriundos de diferentes áreas do conhecimento - ciências humanas e sociais ou aqueles que demonstrarem sensibilidade para trabalhar com a questão;
- mapear experiências bem sucedidas cujos resultados possam ser socializados;
- oportunizar a construção de educadores autônomos, através de uma reflexão que, partindo de suas práticas, se torne praxis, porque iluminada pela teoria;
- proporcionar a conquista de espaços como produtores de conhecimento na área e divulgadores de estudos já existentes.



### III - Conclusões

A oferta de ações de capacitação deverá ser permanente, a partir das experiências vivenciadas pelos educadores e articuladas por aportes teóricos oriundos das diversas áreas do conhecimento. Para tanto, a antropologia cultural, a história cultural, as teorias sociológicas mais contemporâneas que têm discutido a questão da violência, a sócio-linguística e a psicanálise devem se aliar a uma concepção histórico-crítica de educação para estabelecer o horizonte a partir do qual o planejamento de atividades para os educadores possa ser pensado. A implementação de atividades específicas, no entanto, deverá refletir as demandas de formação desses profissionais detectadas inicialmente a partir de workshops elaborados com essa intenção. Por exemplo, para trabalhar com o resgate de identidades deterioradas das crianças em situação de e/ou na rua, há necessidade de construção da própria identidade social dos educadores que irão abordá-las, para evitarmos o risco de termos manipulação de situações e/ou abordagens inadequadas em relação a elas. O investimento afetivo e a emergência de desejos inconfessos nessa área é particularmente um processo mais complexo do que aquele que ocorre em outras situações interativas: na educação formal ou no processo analítico. Por isso, as subjetividades que estarão presentes ao longo das interações educador/criança devem ser objeto de acompanhamento cuidadoso de uma equipe central, multidisciplinar e com a participação de terapeutas que compreendam aspectos da área.

Dessa forma, sugere-se:

- proporcionar competências técnicas;

Na continuidade deste trabalho, haverá necessidade de explicitação de conteúdos e das respectivas metodologias de ensino que acompanharão as atividades de capacitação, sempre respeitando-se as diversidades locais. Concomitante ao desenvolvimento das ações, no entanto, recomenda-se que uma metodologia específica de avaliação institucional e de conteúdos seja implementada, pelos motivos expostos anteriormente.

Main body of handwritten text, consisting of several paragraphs of cursive script.

Handwritten signature or name at the bottom center of the page.

## BIBLIOGRAFIA:

- FREINET, C. - A educação pelo trabalho, Ed. Presença, Lisboa, 1974.
- MAKARENKO, A. - Poema Pedagógico, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- FREIRE, P. - Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1969.
- COSTA, A.C.G. - Por uma Pedagogia da presença, Brasília, 1991.
- CAMILLO, Y et alii - Características do desenvolvimento da criança e do adolescente, SEPS, São Paulo, 1977.
- \* KRAMER, S. - A Política do Pré-Escolar. A arte do disfarce, Editora Dois Pontos, Rio de Janeiro, 1987.
- BULGARELLI, R. - É possível educar na rua? FUNABEM - UNICEF, Rio de Janeiro, 1987.
- COSTA, A.C.G. - As crianças e adolescentes em circunstâncias especialmente difíceis e as administrações municipais, CBIA, Porto Alegre-RS, 1992.

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ

ВВЕДЕНИЕ